

LISBOA
ROMANA — FELICITAS IULIA OLISIPO

A capital urbana de um município de cidadãos romanos

espaço(s) de representação de cidadania

LÍDIA FERNANDES
PAULO ALMEIDA FERNANDES
Coordenação Científica

LISBOA
ROMANA — *FELICITAS IULIA OLISIPO*

A capital urbana de um município de cidadãos romanos

espaço(s) de representação de cidadania

LÍDIA FERNANDES
PAULO ALMEIDA FERNANDES
Coordenação Científica

ALEXANDRA GASPAR
ANA GOMES
ANA VALE
ANTÓNIO VALONGO
CARLOS CABRAL LOUREIRO
CARLOS FABIÃO
CAROLINA GRILO
CRISTINA NOZES
HELENA PINHEIRO
JACINTA BUGALHÃO
LÍDIA FERNANDES
MARIA TERESA CAETANO
NUNO NETO
PAULO ALMEIDA FERNANDES
PAULO REBELO
PILAR REIS
RAQUEL HENRIQUES
RAQUEL SANTOS
RICARDO ÁVILA RIBEIRO
RODRIGO BANHA DA SILVA
VANESSA FILIPE
VASCO NORONHA VIEIRA
VICTOR FILIPE

calei
dos
ópio

Sumário

7	Apresentação	104	O espaço privado
8	Nota Introdutória	105	As Ruas da Sé de Lisboa ALEXANDRA GASPAR; ANA GOMES
11	<i>Felicitas Iulia Olisipo:</i> a capital urbana de um município de cidadãos romanos - espaço(s) de representação de cidadania LÍDIA FERNANDES PAULO ALMEIDA FERNANDES	110	A <i>Domus</i> romana dos Antigos Armazéns Sommer (Lisboa) NUNO NETO; PAULO REBELO; RICARDO ÁVILA RIBEIRO; VASCO NORONHA VIEIRA
14	Espaços de sociabilidade: os edifícios de carácter público	122	Estruturas públicas e domésticas de época romana no edifício da Rua dos Bacalhoeiros, n.º 16-16D/Arco das Portas do Mar, n.º 1-5 HELENA PINHEIRO; RAQUEL SANTOS
15	Em busca do <i>forum</i> de <i>Olisipo</i> CARLOS FABIÃO	128	A ocupação romana na Rua Victor Cordon 29-33/ Rua do Ferragial 6-10A ANTÓNIO VALONGO
26	O <i>Theatrum</i> de <i>Felicitas Iulia Olisipo</i> LÍDIA FERNANDES	132	Arquitetura, Arte e Engenharia
52	O Circo de <i>Felicitas Iulia Olisipo</i>: um monumento lúdico romano ANA VALE; LÍDIA FERNANDES; CARLOS CABRAL LOUREIRO	133	Sistemas construtivos de cronologia romana de <i>Felicitas Iulia Olisipo</i> LÍDIA FERNANDES; PILAR REIS
68	Espaços de sociabilidade: os <i>balnea</i>	166	A cerâmica em <i>Felicitas Iulia Olisipo</i>, formas, funções e decorações CAROLINA GRILO
69	As <i>Thermæ Cassiorum</i> RODRIGO BANHA DA SILVA; CRISTINA NOZES	178	Mosaicos Romanos de <i>Felicitas Iulia Olisipo</i> MARIA TERESA CAETANO
80	Banhos termais na Rua da Adiça, Alfama VANESSA FILIPE; RAQUEL SANTOS	190	A decoração arquitetónica de <i>Felicitas Iulia Olisipo</i> ou como a cidade se mostrou LÍDIA FERNANDES
86	Estruturas termais do Beco do Marquês de Angeja, Lisboa VICTOR FILIPE	214	Da cidade romana à cidade medieval: “desmonumentalização” e reconfiguração urbana PAULO ALMEIDA FERNANDES; LÍDIA FERNANDES
90	Paredes romanas com pintura mural na Travessa do Ferragial 1-14, Lisboa ANTÓNIO VALONGO; RAQUEL HENRIQUES	232	Referências
94	Um <i>balnea</i> da baixa de <i>Felicitas Iulia Olisipo</i>. Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros JACINTA BUGALHÃO	246	Lista de Autores

Arquitetura, Arte e Engenharia

Sistemas construtivos de cronologia romana de *Felicitas Iulia Olisipo*

LÍDIA FERNANDES
MARIA PILAR REIS

Analisa-se alguns dos aparelhos construtivos identificados em *Felicitas Iulia Olisipo*. Os locais analisados são sítios arqueológicos já publicados, apresentando-se uma sistematização dos mesmos consoante as técnicas de construção em presença. Indica-se as cronologias para cada um dos casos, no que respeita à sua edificação original, mas de igual modo, às fases de remodelação.

O estudo da arquitetura romana esteve durante muitos anos alicerçado no aprofundado conhecimento dos monumentos públicos, servindo estes de cartilha universal na classificação de toda, e qualquer, manifestação construtiva. Esta ansiedade em classificar, e assim poder datar, levou a uma inventariação de modelos arquitetónicos, transformando os edifícios em “objetos de estudo” e desviando a atenção do processo construtivo em si que é, afinal, o tema a ser investigado, pois só através dele poderemos entender as opções, e erros, de quem construiu.

Esta aproximação exige uma abordagem direta do edifício, um tutear que a evolução das técnicas de registo tem favorecido, permitindo-nos entrelaçar a informação que os alçados fornecem, com aquela que a estratigrafia permite. Mas talvez o mais destacável é a abrangência dos estudos atuais: hoje consideramos toda e qualquer construção como digna de ser estudada e analisada. E neste mesmo enfoque analítico verificamos no terreno as

técnicas de construção que mestres de obras de outrora implementavam de forma sistemática na construção popular, cuja expressão é, por vezes, conservadora nas técnicas e procedimentos de obra. Ainda assim, distinguimos o que de público se fez do privado, dos contextos produtivos e das infraestruturas que serviam a cidade, procurando uma transversalidade na análise, e um leque amplo de exemplos.

Optámos, no presente trabalho, por uma apresentação dos diversos tipos de aparelhos de época romana reconhecidos em Lisboa. Na impossibilidade de analisar todos os locais, optámos por selecionar alguns edifícios, de mais fácil visualização e, especialmente, que já possuíssem alguma bibliografia sobre os mesmos. Abstivemo-nos, pois, de apresentar sítios inéditos ainda não apresentados pelos arqueólogos responsáveis. Nesta amostragem dos vários tipos de aparelhos, procurámos sintetizar a informação mais relevante, colocando a tónica nas particularidades técnicas evidenciadas em cada caso.

Sempre que possível indicamos a cronologia atribuível a cada situação, quer a da edificação original quer a da sua desativação, assim como a bibliografia mais relevante.

Um dos edifícios mais detalhadamente analisados é o teatro romano, o que se justifica pela extensão dos trabalhos de escavação que permitem hoje reconhecer vários sistemas construtivos, assim como pelo maior número de estudos e trabalhos publicados. Se aliarmos o facto de a cronologia da sua edificação e de algumas obras de remodelação se encontrarem bem documentadas, pensamos que os vários sistemas construtivos identificados poderão funcionar como matriz ou quadro de referência.

Recorreu-se a larga bibliografia em relação às comparações possíveis de estabelecer, obras como as de Pierre-Adam (1994), A. Choisy (1909), Giuliani (1993) ou, mais recentemente, de A. Pizzo (2010), são apenas alguns dos títulos consultados. Não foi possível, no entanto, a apresentação de paralelos nos vários casos analisados perante o limite de espaço que, ainda assim, foi bastante lato.

Os aparelhos construtivos: os edifícios públicos

Teatro

O teatro romano de Lisboa é o monumento romano melhor conhecido na cidade. Para este facto concorrem vários fatores. Por um lado, porque desde 1798 que existem registos do mesmo - embora os documentos gráficos dessa época sejam bastante parcelares e não tenha sobrevivido qualquer descrição detalhada sobre os vestígios - por outro, porque desde 1964 têm sido realizadas intervenções arqueológicas no monumento e na sua envolvente. O projeto de intervenção desenvolvido por Irisalva Moita entre 1965 até 1971 constitui o primeiro projeto de arqueologia urbana, pensado enquanto tal, realizado na cidade. Foram captadas verbas para a escavação do monumento e, especialmente, quantias avultadas para a aquisição de imóveis

que se sobrepunham ao monumento cénico e que foram demolidos com o exclusivo objetivo de o colocar a descoberto.

Apesar de tal projeto ter sido interrompido a partir de 1974, uma parte substancial do espaço central do edifício cénico foi colocado a descoberto. Entre 1989 e 1993 novos trabalhos de escavação foram realizados pelo então criado “Gabinete Técnico do Teatro Romano”. A área intervencionada incidiu na zona norte abrangida pelas bancadas (*imma cavea*), assim como na parte nascente do monumento, com a zona originalmente ocupada pelo *aditus maximus* (entrada principal) do teatro. Foram igualmente intervencionados dois edifícios a norte da Rua da Saudade tendo-se registado alguns vestígios da infraestrutura das bancadas. Novas intervenções arqueológicas, de carácter sistemático, apenas se iniciaram em 2001 no decurso da adaptação do n.º 3 da Rua de São Mamede a museu. O espaço museográfico abrangeu, de igual modo, os dois pisos superiores de um imóvel com fachada para a Rua de Augusto Rosa.

Foi no decurso da escavação integral do jardim/pátio (Rua de São Mamede n.º 3B) e da habitação do século XIX onde hoje se localiza a receção do museu (Rua de São Mamede n.º 3A) que várias estruturas arqueológicas foram colocadas a descoberto, possibilitando o conhecimento do alicerçar do monumento cénico a meia encosta e como o mesmo se desenvolveria para sul. Foi identificado o *post scaenam* do teatro, assim como várias estruturas de suporte que criavam terraços, ou plataformas, formando um *sui generis porticus post scaenam*.

Simultaneamente, o interior do teatro foi alvo de novas intervenções com vista à remoção de estruturas de época posterior que se sobrepunham ao mesmo. Sublinha-se a presença de vários vestígios de época pré-pombalina aí existentes. O desmonte destas estruturas permitiu colocar à vista áreas relevantes do teatro. Pequenas sondagens foram sendo realizadas na área envolvente, como no Pátio do Aljube, Rua de Augusto Rosa, Rua da Saudade e Rua de São Mamede resultando numa melhor compreensão da área onde o monumento cénico se implantou.

Localização: entre a Rua de São Mamede e a Rua da Saudade.

Bibliografia: entre muitos outros títulos salientam-se: Almeida, 1966; Diogo, 1993; Fernandes, 2005; 2006; 2007; 2013; 2017; Fernandes e Coroado, 2018; Moita, 1970.

***Opus incertum* - muro do vomitorium**

Esta entrada das bancadas é a única que se preserva no monumento. Está localizada no limite superior da *imma cavea* e constitui o limite do vão que, dos corredores de distribuição, permitia que os espectadores acessem às bancadas, através de um dos *præintia* (corredor) da *cavea*.

A única parede que se conserva é a do lado nascente. A do lado oposto, além de aproveitar um grande maciço rochoso que foi talhado para se adequar à morfologia, está bastante mais destruída.

Aparelho: *opus incertum*, praticamente sem fiadas horizontais. Pequenas pedras preenchem os espaços vazios entre as de maior calibre. Grande quantidade de argamassa é colocada sobre e entre as pedras. Não podemos esquecer que a *cavea* do teatro recorreu ao *opus caementicium* de forma intensiva pelo que é natural que a argamassa tenha igualmente servido para o reforço de todas as estruturas. Sublinha-se igualmente que esta estrutura assenta, pelo menos parcialmente, em *opus caementicium* (FIG. 1).

FIG. 1

Estrutura do vomitorium do teatro romano
(perspetiva de nascente para poente)
(© José Avelar – Museu de Lisboa / EGEAC).

Cronologia de construção: inícios século I d.C.

Cronologia abandono: século V d.C.

Bibliografia: Fernandes, 2006; 2007; 2013; 2017; Fernandes e Coroado, 2018.

***Opus caementicium* - infraestrutura da cavea**

Esta área do teatro foi intervencionada pela primeira vez em 1964 por Fernando de Almeida e depois entre 1965/1967 por Irisalva Moita, tendo então sido colocados a descoberto os primeiros degraus das bancadas. Entre 1989 e 1992 foi intervencionada a Rua da Saudade. Nessa ocasião foi exumado o *præintio* da *imma cavea* e o enchimento da área correspondente aos degraus, em *opus caementicium*. Em 2004 foi desmontado o alicerce de um edifício dos inícios do século XIX que se sobrepunha às bancadas e separava a área intervencionada na década de 1960 da escavada entre 1989 e 1992.

Aparelho: *opus caementicium*. Este tipo de aparelho é empregue na quase totalidade da *cavea* do teatro. Trata-se de um enchimento do interior das estruturas construtivas que recorre ao bioalcalarenito não afeiçoado e à argamassa. A cal encontra-se presente em grande percentagem com grandes nódulos na sua constituição. Estrutura extremamente compacta com pedras de distintos



calibres. Este enchimento em *opus cæmenticiu*m foi empregue no preenchimento de áreas cujos limites poderiam ser paredes em *opus quadratum*, como é o caso e, de igual modo, o afloramento rochoso natural. No caso vertente, o limite do enchimento em *opus cæmenticiu*m foi feito pela parede norte do *aditus maximus* (entrada do lado nascente). Na *imma cavea*, por exemplo o enchimento foi empregue no miolo interno dos degraus das bancadas o qual seria depois revestido com silhares criando os degraus lineares (FIG. 2).

Cronologia de construção: inícios século I d.C.

Cronologia abandono: século V d.C.

Bibliografia: Almeida, 1966; Diogo, 1993; Fernandes, 2005; 2006; 2007; 2013; 2017; Fernandes e Coroado, 2018; Moita, 1970.

Opus quadratum com almofadado

Área intervencionada nas campanhas da década de 1960 que colocou a descoberto a parede sul do *aditus maximus* nascente (FIG. 3). A continuação dos trabalhos de escavação nesse local em 2015 permitiu a exumação da parede norte daquela estrutura, tendo sido igualmente registado o mesmo tipo de aparelho com biselado nas juntas (FIG. 4). Também aqui o aparelho almofadado é singular, observando-se, numa mesma área da estrutura, almofadados com volumes distintos e com distintas larguras em relação aos limites dos silhares.

Aparelho: nas faces internas do *aditus* regista-se o emprego do *opus quadratum* com almofadado pronunciado, sendo nítidos em alguns locais juntas biseladas da silharia. Este almofadado não apresenta, por vezes, uma moldura equidistante em todos os seus lados.

Um paralelo próximo é oferecido por alguns dos paramentos do teatro de Málaga, edificado na época de Augusto¹.

Cronologia de construção: inícios século I d.C.

Cronologia abandono: século V d.C.

Bibliografia: Fernandes, 2006; 2007; 2013; 2017; Fernandes e Coroado, 2018.



FIG. 2
Infraestrutura das bancadas do teatro romano
(perspetiva de sul para norte)
(© José Avelar – Museu de Lisboa / EGEAC).

FIG. 3
Desenho da parede sul do *aditus maximus* nascente
do teatro (reproduzido de Hauschild, 1990, Abb. 7a).

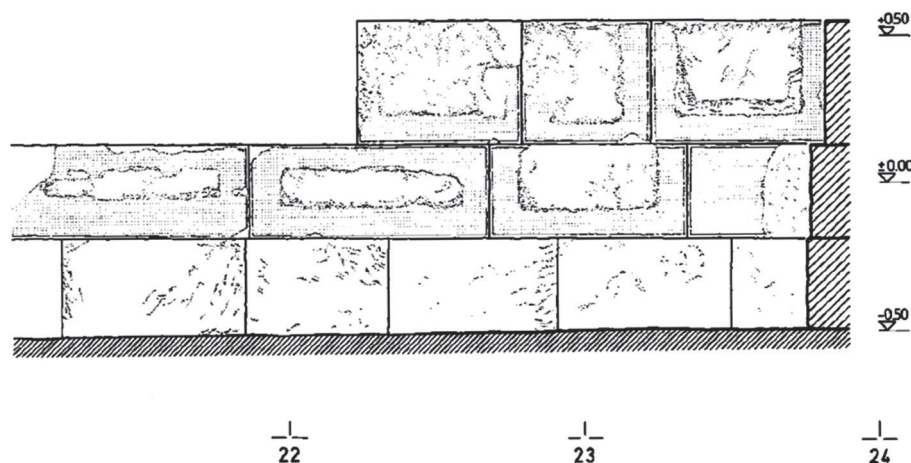




FIG. 4
Revestimento com silhares almofadados da parede norte do *aditus maximus* nascente do teatro
(© José Avelar – Museu de Lisboa / EGEAC).



FIG. 5
Cunhal da estrutura do *post scænam* do teatro
(© José Avelar – Museu de Lisboa / EGEAC).

***Opus quadratum* - estrutura do *post scænam* (cunhal)**

Esta estrutura foi identificada pela primeira vez na intervenção arqueológica realizada em 2001 no interior da Rua de São Mamede n.º 3, onde hoje se localiza a receção do Museu de Lisboa – Teatro Romano. Em 2005 e 2006 a intervenção foi prolongada para a área do pátio/jardim tendo-se registado o prolongamento da estrutura do *post scænam* para esse lado (nascente). A intervenção atingiu grandes profundidades (8/10 m). Este grande muro que suportava a fachada cénica, alicerçou-se no afloramento rochoso e nas margas naturais, tendo sido registado o seu limite nascente materializado num cunhal.

Aparelho: *opus quadratum* que recorre a grandes pedras esquadriadas disposta em face/testa. O seu limite exterior (ângulo) não é linear, apresentando algumas pedras mais avançadas do que outras. Esta morfologia deve-se ao facto de esta área se destinar a ficar sob sedimentos que preencheriam o espaço e ocultariam, na totalidade, as duas faces do cunhal. O cunhal encosta a um enchimento interno de *opus caementicium*, assim como tem o seu prolongamento para poente num aparelho de *opus incertum*.

Registam-se 4 pilares ou contrafortes que empregam grandes silhares esquadriados colocados seguindo a técnica face/testa. Apresentam uma largura mais ou menos constante de cerca de 1,50 m (aproximadamente 5 PR- ou seja, um *passus*) ainda que o distanciamento entre si não seja constante², sendo que o que conserva uma maior altura apresenta 4,5 m. Regista-se alguma argamassa entre as pedras e algumas rebarbas formadas aquando da sobreposição das pedras³. De sublinhar a presença dos negativos dos *ferrei forciceps* em quase todos os silhares (FIG. 5).

Cronologia de construção: inícios século I d.C.

Cronologia abandono: século V d.C.

Bibliografia: Fernandes, 2006; 2007; 2013; 2017; Fernandes e Coroadó, 2018.

***Opus incertum* de junta seca - estrutura do *post scænam* (pano de parede irregular)**

Imediatamente ao lado do cunhal foi identificado um distinto aparelho construtivo que se afasta do registado na restante parede do *post scænam* (o qual atinge um comprimento de c. 21 m). Colocado a descoberto na intervenção arqueológica realizada no pátio/jardim, em 2005/2006.

Aparelho: pedras aparelhadas de muito diferenciado calibre, praticamente sem definirem fiadas. Evidenciando pouca argamassa por entre as juntas, este paramento quase sugere que as pedras estejam soltas o que de facto não acontece pois encontram-se embebidas na argamassa do *opus cæmenticiu*m que constituiu o interior da construção⁴ (FIG. 6).

Cronologia de construção: inícios século I d.C.

Cronologia abandono: século V d.C.

Bibliografia: Fernandes, 2006; 2007; 2013; 2017; Fernandes e Coroado, 2018.

***Opus incertum* de junta cheia – estrutura do *post scæn*am (pano de parede regular)**

Colocada a descoberto na intervenção arqueológica realizada no pátio/jardim, em 2005/2006. Constitui o paramento exterior (face sul) de grande parte da estrutura do *post scæn*am.

Aparelho: em *opus incertum*. As fiadas são relativamente homogêneas, mas as pedras são de dimensões bastante distintas entre si. Exteriormente as pedras apresentam um total preenchimento na sua junção oferecendo uma estrutura muito uniforme. Argamassa muito compacta utilizada no acabamento exterior do aparelho. Percetível, em muitos casos, o negativo de colherim usado para a colocação minuciosa da argamassa nas juntas das pedras. Sublinha-se que este paramento não se encontrava à vista encostando a ele sedimentos de deposição secundária até ao seu topo (FIG. 7).

Cronologia de construção: inícios século I d.C.

Cronologia abandono: século V d.C.

Bibliografia: Fernandes, 2006; 2007; 2013; 2017; Fernandes e Coroado, 2018.

***Opus cæmenticiu*m - estrutura interna do *post scæn*am**

Colocada a descoberto na intervenção arqueológica realizada no pátio/jardim, em 2005/2006. Constitui o enchimento interno da estrutura do *post scæn*am. Na intervenção arqueológica feita na Rua de São Mamede em 2014 tivemos



FIG. 6
Aparelho de *opus incertum* na face sul da estrutura do *post scæn*am do teatro (© José Avelar – Museu de Lisboa / EGEAC).



FIG. 7
Face sul da estrutura do *post scæn*am do teatro (créditos fotográficos: © José Avelar – Museu de Lisboa / EGEAC).



FIG. 8
Estrutura interna do *post scænam*
do teatro em *opus cæmenticiu*m
(© Lídia Fernandes – Museu de Lisboa / EGEAC).

FIG. 9
Estrutura interna do *post scænam*
do teatro em *opus cæmenticiu*m
(© Lídia Fernandes – Museu de Lisboa / EGEAC).



oportunidade de observar o desenvolvimento desta estrutura para norte, comprovando o seu prolongamento (desde o pátio do museu - onde possui uma largura de 4,5 m) até 4 m do leito da rua.

Aparelho: Internamente, a estrutura possui um aparelho em *opus cæmenticiu*m, composto por pedras não afeixoadas de biocalcarenito. Uma argamassa de coloração bege/esbranquiçada, com nódulos de cal torna a estrutura muito coesa.

A melhor visualização que se pode ter deste aparelho é no *fornice* ou estrutura da *choragia*, um compartimento no meio da estrutura do *post scænam* destinado a aligeirá-la a qual, construída maciçamente seria extremamente pesada. Neste compartimento, o único visível embora se desenhem outros dois embora não conservados, o pavimento é feito em *opus cæmenticiu*m o qual foi alisado e tornado mais homogéneo certamente para um uso funcional relacionado com a atividade cénica (FIG. 8).

Cronologia de construção: inícios século I d.C.

Cronologia abandono: século V d.C. (enquanto espaço cénico, sublinha-se, no entanto, que este compartimento foi reutilizado no século XI/XII como área habitacional. Regista-se igualmente, um silo no limite sul da estrutura).

Bibliografia: Fernandes, 2006; 2007; 2013; 2017; Fernandes e Coroado, 2018; Fernandes *et al.*, 2015.

*Opus cæmenticiu*m - muro de contenção

Colocado a descoberto na intervenção arqueológica realizada no pátio/jardim, em 2005/2006 e finalizada a escavação nas campanhas de 2010 e 2011.

Aparelho: *opus cæmenticiu*m muito semelhante ao anteriormente descrito empregue na estrutura do *post scænam*. A grande diferença aqui é a técnica empregue na sua colocação. A mescla de materiais – pedra, areia, ligante, palha – foi colocada recorrendo a taipais de madeira dispostos, possivelmente, em ambos os lados da parede a erigir⁵. Quando uma fiada secava era deslocado o taipal para um novo troço superior. Deste modo, temos várias fiadas sobrepostas com uma altura que varia entre 50/60 cm (FIG. 9).

Cronologia de construção: inícios século I d.C.

Cronologia abandono: século V d.C.

Bibliografia: Fernandes, 2006; 2007; 2013; 2017; Fernandes e Coroado, 2018.

Opus mixtum irregular

No *vomitorium* do teatro romano - o único até ao momento identificado – foi registada em 1990 a edificação de uma habitação no interior daquele acesso do monumento, tendo aproveitado as estruturas existentes. Foram levantados dois muros, que compartimentaram o espaço. Um a sul, junto ao acesso às escadas que conduziam ao corredor da *imma cavea* e outro a norte. Um pavimento, realizado com materiais reaproveitados, permite concluir por um aproveitamento integral do muito material pétreo então disponível.

Aparelho: as estruturas são ligeiramente distintas entre si. A localizada a sul, que conserva uma porção maior e uma ombreira de porta monolítica, utiliza pedras e tijolos reaproveitados, não aparelhados, de formato sub-retangular de pequeno módulo. Na parte superior observam-se pedras de maior calibre. Não se registam fiadas regulares, tendo sido dada maior consistência ao aparelho através do preenchimento das juntas com argila (FIG. 10). Na estrutura a norte, registam-se fiadas de pedras de maiores dimensões, não aparelhadas, com uma fiada de tijolos reaproveitados a separar duas fiadas pétreas (FIG. 11).

Cronologia de construção: século VI d.C.

Cronologia abandono: Desconhecida. Por cima destes níveis foram identificadas estruturas habitacionais dos séculos XVII/1.^a metade século XVIII.

Bibliografia: Diogo, 1993; 2000; Fernandes, 2013; 2017; Fernandes e Grilo, 2019.

Edifício do Aljube

A intervenção arqueológica realizada entre 2004 e 2005 na antiga prisão do Aljube⁶ permitiu descobrir novos dados sobre a ocupação romana da área situada a sul do teatro romano. Duas áreas foram intervencionadas: uma a nascente, no limite do imóvel e outra a poente, situada junto à Rua de Augusto Rosa. O horizonte cronológico em ambos os casos parece ser o mesmo. Em relação ao espólio identificado salienta-se a presença de *tegulae*, fragmentos de mármore e estuque pintado (vermelho, amarelo e azul), assim como louça fina.

Localização: Rua de Augusto Rosa n.º 42.

Bibliografia: Amaro e Sepúlveda, 2017.



FIG. 10
Estrutura em *opus mixtum* construída no interior do *vomitorium* do teatro (face norte da estrutura sul)
(© José Avelar – Museu de Lisboa / EGEAC).

FIG. 11
Estrutura em *opus mixtum* construída no interior do *vomitorium* do teatro (face sul da estrutura norte)
(© José Avelar – Museu de Lisboa / EGEAC).





FIG. 12
Aparelho *semi-quadratum* da estrutura identificada no edifício do Aljube
(© Lídia Fernandes – Museu de Lisboa – Teatro Romano / EGEAC).

Opus semi-quadratum

Aparelho: esquadriado, colocado em fiadas regulares no sistema face/testa. Nenhum silhar apresenta um tratamento diferencial da sua superfície, exceto um de secção quadrada que ostenta um almofadado pouco saliente. As juntas evidenciam

um enchimento de argamassa bastante abrangente. Por estas características não nos parece que esta estrutura se destinasse a estar à vista antes terá funcionado como alicerce de algum edifício que se desenvolvesse superiormente. O único silhar com almofadado e a sua localização comprova esta ideia (FIG. 12 e 13).

Cronologia de construção: século I d.C.

Cronologia de desativação: segunda metade do século IV ou inícios século V d.C.

Criptopórtico

As galerias da Rua da Prata/Rua da Conceição, são conhecidas desde há muito, sendo várias as interpretações funcionais apresentadas sobre o monumento. Atualmente é unânime a ideia de que o edifício corresponde a um criptopórtico, ou seja, um sistema artificial de galerias que cria, em terrenos pouco estáveis, uma plataforma nivelada. A grande questão que permanece é de saber que edifícios terão existido à superfície.

No interior do edifício, são vários os aparelhos que se presenciam, destacamos alguns dos mais relevantes.

Localização: Rua da Prata e Rua da Conceição.

Bibliografia: Encarnação, 1973; Fabião, 1994; Fernandes, 1997, vol. I; Fernandes e Leitão, 2016; Maciel, 1993/1994; Moita, 1977; Mota e Martins, 2018, pp. 78-101; Ribeiro, 1994a; Silva, 1934.

FIG. 13
Desenho do paramento referido (in Amaro e Sepúlveda, 2017, Fig. 5: “Alçados do compartimento na área da atual portaria lado nascente do edifício”).

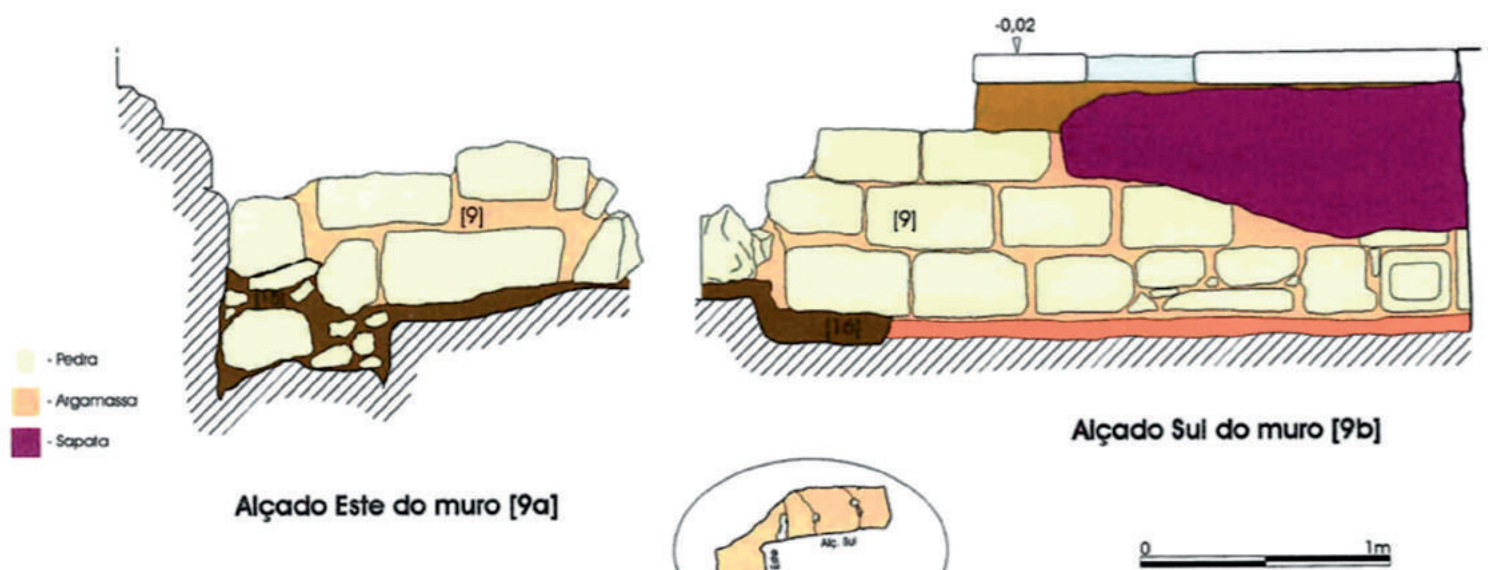




FIG. 14

Pormenor do talhe biselado na junção de dois silhares (© Lídia Fernandes – Museu de Lisboa – Teatro Romano / EGEAC).



FIG. 15

“Galeria das nascentes”, pormenor do aparelho almofadado do arco (© José Avelar – Museu de Lisboa / EGEAC).

Opus quadratum com juntas em bisel

Aparelho: Este pormenor técnico é registado em alguns locais do interior das galerias. Os silhares estão dispostos face/testa e encontram-se perfeitamente esquadriados. Sem almofadado (FIG. 14).

Cronologia de construção: século I d.C. (inícios).

Cronologia de desativação: permanece, contínua ao longo dos séculos conservando-se na atualidade como alicerce dos edifícios pombalinos que, sobre ele foram construídos.

Bibliografia: Encarnação, 1973; Fabião, 1994; Fernandes, 1997, vol. I; Fernandes e Leitão, 2016; Maciel, 1993/1994; Moita, 1977; Ribeiro, 1994a; Silva, 1934.

FIG. 16

Zona sul das galerias. Pormenor do aparelho almofadado muito saliente (© José Avelar – Museu de Lisboa / EGEAC).





FIG. 17
“Galeria das nascentes”. Pormenor da abóbada realizada com cofragem notando-se os negativos das tábuas do cimbra
(© Lídia Fernandes – Museu de Lisboa – Teatro Romano / EGEAC).

FIG. 18
Face interna (estrutura norte) do edifício identificado no Largo de St.º António em 1993
(© Lídia Fernandes – Museu de Lisboa – Teatro Romano / EGEAC).



Opus quadratum com almofadado

Aparelho: *opus quadratum* com almofadado. Aparelho esquadriado com almofadado muito pronunciado, chegando, em alguns locais, a apresentar 8/9 cm de espessura. Em outros casos, o almofadado é bastante singelo, quase sem expressão, mas com picotado distinto na bordadura em redor da almofada (FIGS. 15 e 16).

Opus cæmenticium com marcas de cimbra

Aparelho: Todas as abóbadas do monumento são feitas em *opus cæmenticium*. É nítido o cimbra de madeira que serviu para a sua construção o qual era removido após a secagem da massa (FIG. 17). As tábuas usadas no cimbra seriam largas e de distintos comprimentos sendo unidas entre si de diferentes formas. Em alguns casos a junção é em “cauda de andorinha”.

Edifício do Largo de St.º António

Intervenção arqueológica realizada em 1992/93 por ocasião de obras de substituição do pavimento do largo. Este edifício, do qual apenas foi identificado um muro de orientação nascente/poente, encostava às argilas naturais pelo seu lado norte, não se presenciando qualquer vala de fundação. Dois pequenos muros, foram também reconhecidos sendo que apenas o do lado nascente, fechava o compartimento.

Localização: Largo de Santo António.

Bibliografia: Vale e Fernandes, 1994.

Opus incertum com junta embrechada

Pequeno aparelho disposto em fiadas horizontais. Estas, têm sensivelmente a mesma altura, mas as pedras, embora facetadas não são regulares. Entre as fiadas, foram colocadas pequenas pedras - ou lascas de desbaste - de forma a colmatar os espaços vazios de maiores dimensões. Em época tardia, possivelmente século IV d.C. ou posterior, foi aberto um silo junto ao muro de orientação sudeste/noroeste (FIG. 18).

Cronologia de construção: século I d.C.

Cronologia de desativação: séculos IV/V d.C.

Bibliografia: Vale e Fernandes, 1994.

Circo

O circo foi identificado em 1994/1995 através de um poço de sondagem realizado na Praça D. Pedro IV. A única parte reconhecida foi um troço da *spina*, numa extensão total de cerca de 15m de comprimento sensivelmente no sentido noroeste/sudeste. O tabuleiro da barreira, que marcaria o centro do recinto da arena, estava revestido a *opus signinum*. Uma meia-cana estabelecia a ligação ao murete que o delimitava, sendo o único visível o do lado poente.

Localização: Praça D. Pedro IV (Rossio).

Bibliografia: Duarte e Santos, 2003; Sepúlveda *et al.*, 2002; Vale e Fernandes, 1997.

Opus semi-quadratum

Pequeno aparelho com argamassa e argila nas juntas. Fiadas regulares em *opus semi-quadratum*. Na parte inferior do muro adossava um pequeno murete, de construção pouco consistente, situado à mesma cota a que se encontrava a arena, servindo de suporte a uma pequena canalização que corria paralela à estrutura (FIG. 19).

Cronologia de construção: séculos III/ IV d.C.

Cronologia de desativação: em época medieval islâmica esta área do circo servia como lixeira.

Bibliografia: Vale e Fernandes, 1997; 2017.

Termas dos Cássios

As termas públicas dos Cássios ocupavam uma *insula*, isto é, um quarteirão, a um nível bem inferior ao teatro e não longe da zona industrial. Sobre elas temos informações de diferente natureza: a *documental*, através do relato setecentista de quem viu e anotou⁷, com curioso acerto, parte deste edifício e, por outro lado, a *arqueológica*, uma secção do edifício, integralmente escavada, com importantes resultados estratigráficos, mas que aguardam publicação. Intervenções posteriores, na área envolvente à atual Rua das Pedras Negras, têm fornecido informação esporádica sobre este edifício público. Mais difícil é estabelecer a relação entre este *frigidarium* e os espaços escavados nos n.ºs 22 a 28 da atual Rua das Pedras Negras, na década de 90, que sem dúvida pertenceram ao mesmo edifício. Esta vasta área escavada, e que aguarda publicação, corresponde, em boa parte, à zona de serviço das termas. Efetivamente no limite do atual edifício são visíveis as bocas das fornalhas, de grandes dimensões, que se desenvolvem



FIG. 19

Murete lateral da *spina* do circo (face poente)
(© Lídia Fernandes – Museu de Lisboa – Teatro Romano / EGEAC; © Ana Vale – DGPC).

em direção à atual Travessa do Almada, onde se deverão situar os vestígios do *caldarium*. Se considerarmos que as estruturas registadas no século XVIII no Palácio do Correio Mor estavam orientadas a norte, poderíamos admitir que o *frigidarium* se situaria na direção do atual jardim do Palácio de Penafiel, e que a *insula*, ou área ocupada por este edifício poderia ser de 25 m por 60 m.

Cronologia de construção: Construídas no dealbar do século I d.C., e não em 49 a.C. como se tem vindo a interpretar, foram profundamente remodeladas em 336 d.C.

Cronologia de desativação: Têm um nível de ocupação no século V/VI provavelmente associado a uma necrópole.

Localização: Rua das Pedras Negras, n.ºs 22 a 28.

Bibliografia: Diogo e Trindade, 1999; Encarnação, 2009; Fernandes, 1997; 2009; Figueiredo, 1889; Silva, 2011.

Opus testaceum

Na parede do possível *caldarium* as bocas das fornalhas são em *opus testaceum*, em arco, com aduelas em *lateres lydion* integrados num paramento em *opus incertum*, idêntico ao dos restantes muros. A delimitação da boca da fornalha, que pelo menos num dos casos pode ser de cano exterior, é também realizada com recurso ao *opus testaceum* ainda que associado à alvenaria



FIG. 20
Opus testaceum do hypocaustum das termas dos Cássios. Parte de arco em tijoleira associada a parede de alvenaria (© Pilar Reis).

FIG. 21
Dois aparelhos distintos de duas estruturas adossadas, que empregam opus incertum (© Pilar Reis).



irregular. Numa publicação* é referida uma estrutura em tijolo associada ao *hypocaustum*, sem mais descrição (FIG. 20).

Cronologia de construção: Entre o século I d.C. e 336 d.C.

Cronologia de desativação: séculos V/VI d.C.

Bibliografia: Diogo e Trindade, 1999.

Opus incertum

A observação no local permite registar como as estruturas estão escavadas até aos alicerces. A tipologia destas fundações corresponde ao tipo linear simples, construídas em vala com cofragem, na qual se verteu o cimento de cal com pedra miúda, e sobre o qual assentaram as paredes, em alvenaria - *opus incertum* - com fiadas horizontais regularizadas por alguns silhares (FIG. 21).

Cronologia de construção: Entre o século I d.C. e 336 d.C.

Cronologia de desativação: séculos V/VI d.C.

Os aparelhos construtivos: arquitetura industrial / produtiva / semipública

Casa dos Bicos (Cetárias)

Identificada entre 1981 e 1982 na intervenção arqueológica realizada na Casa dos Bicos. Trata-se de um conjunto fabril de transformação de pescado de época romana que foi integrado no espaço aquando da XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura. Mais recentemente, em 2012-2014 o espaço foi novamente intervenção de modo a constituir um núcleo interpretativo das estruturas arqueológicas aí existentes. Atualmente funciona como um dos núcleos museográficos do Museu de Lisboa.

Cronologia de construção: meados século I d.C.

Cronologia de desativação: século V d.C. (?)

Localização: Rua dos Bacalhoeiros, n.º 10.

Bibliografia: Amaro, 1982; Filipe, *et al.*, 2016.

Opus incertum de fiadas niveladas

Pedra calcária, de dimensões muito variadas, colocadas em fiadas sensivelmente horizontais. Notam-se espaços vazios entre os vários

elementos pétreos⁹. Em alguns locais pedras de menor dimensão foram colocadas ao alto e outras, menores, preenchem espaços entre as pedras maiores (FIG. 22).

Rua dos Correeiros/BCP (NARC)

As obras de reabilitação do quarteirão pombalino que viria albergar a sede do Banco Millenium BCP permitiram identificar uma ampla fábrica de preparados piscícolas, construída nas margens do antigo esteiro fluvial. O complexo, com vinte e cinco cetárias organizadas em cinco unidades claramente delimitadas, convive com um espaço interpretado como possível armazém e com um edifício termal, talvez um *balnea meritoria*, ou seja, um estabelecimento de carácter semipúblico. A construção deste complexo a par dos numerosos registos de cetárias na envolvente próxima delatam a especialização desta zona nos contextos produtivos da urbe.

Cronologia de construção: a construção desta fábrica de preparados piscícolas recuará ao primeiro quartel do século I d.C.

Cronologia de desativação: em funcionamento, pelo menos, até ao século V d.C.

Localização: Rua do Correeiros, n.º 21.

Bibliografia: Bugalhão, 2001; 2009; 2017; no presente volume; Caetano, 2006.

Termas

Do edifício apenas se conhece parte do *frigidarium*, no qual se identifica uma intervenção de ampliação e reparação. O espaço pavimentado com um mosaico policromo de motivos geométricos – *opus tessellatum* – está dividido em quatro painéis: um decorado com peltas e outro com meandros de suásticas (FIG. 23). A moldura que delimita toda a sala do *frigidarium*, marca os acessos às pequenas piscinas de água fria, uma das quais foi, possivelmente, reduzida na sua capacidade, através de um muro em *opus testaceum* recebendo novo revestimento em *opus signinum*. Há uma interessante “soleira” formada por *bessales* e, aparentemente, pertencente à fase anterior, mas que recorda a pavimentação de alguns *hypocausta*. A norte, numa área interpretada como pertencente ao pavimento de uma zona habitacional de cronologia idêntica à das termas, reencontramos estes *bessales*, sendo tentador ver nestes vestígios o pavimento, muito alterado, do



FIG. 22
Opus incertum disposto em fiadas nas cetárias existentes no Museu de Lisboa – Casa dos Bicos (© Pilar Reis).

FIG. 23
Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros: mosaico e muros em *opus incertum* (© Pilar Reis).





FIG. 24
Piscina com aparelho em *opus incertum*
e *opus testaceum* (© Pilar Reis).

FIG. 25
Poço em alvenaria associado aos armazéns
da fábrica (© Pilar Reis).



hypocaustum que aquecera o *caldarium* e *tepidarium* deste edifício termal.

Cronologia de construção: os mosaicos de inspiração africana foram datados de meados do século III d.C.

Cronologia de desativação: século V d.C.

Opus incertum

As paredes que definem o limite norte deste *frigidarium* foram construídas em *opus incertum*, com a utilização de calcário, alguns seixos, e cerâmica fraturada, de médio calibre, fortemente unidos por uma argamassa de cal. A utilização desta técnica pode justificar-se pela humidade do contexto, justificável pela sua localização ribeirinha. O muro foi posteriormente rebocado, supomos que também pelo exterior (FIG. 23).

Cronologia de construção: a estrutura é solidária com o painel musivo pelo que é aceitável o século III como data fundacional.

Cronologia de desativação: século V d.C.

Opus testaceum

Uma das piscinas de água fria, de planta quadrangular, foi delimitada pelos muros em *opus incertum*, mas internamente recebeu um fino revestimento realizado por *lateres*, que se estenderia até ao parapeito. Por sua vez, este muro em *opus testaceum* era revestido por uma espessa camada em *opus signinum*, com junta de meia cana nos ângulos. Este espessamento em *lateres* é comum nestes contextos termais (FIG. 24).

O limite exterior de uma segunda piscina semi-circular, tão pequena que autoriza a sua descrição como banheira, também foi realizado por uma parede integralmente em *lateres*.

Cronologia de construção: século III d.C., com base no estudo dos mosaicos, todavia a pequena banheira de água fria poderá corresponder a uma remodelação posterior.

Cronologia de desativação: século V d.C.

Armazéns da fábrica de preparados piscícolas

Estes armazéns são estruturas associadas à fábrica e com ela diretamente conectada através de um vão. Com base na bibliografia não foram

identificados sinais de derrubes de cobertura, hipoteticamente por serem coberturas em materiais perecíveis, ou uma recuperação integral das peças cerâmicas que formavam a cobertura.

Cronologia de construção: século I d.C. (?)

Cronologia de desativação: século III d.C.

Bibliografia: Bugalhão, 2009; no presente volume.

Opus incertum

A construção dos seus muros em *opus incertum*, e dos quais apenas se conservaram os alicerces, utilizou o calcário local, não afeiçoado, tendo como ligante uma argamassa de cal, areia e fragmentos de tijolos de dimensão diversificada. Os pavimentos eram em *opus signinum* e em areia. Um poço, com as suas paredes revestidas a alvenaria, estará, porventura, associado a esta fase (FIG. 25).

Fábrica

A construção destas cetárias obedeceu a princípios já registados noutros contextos semelhantes, com opções que maximizavam as vantagens dos leitos arenosos nos quais se implantaram estas estruturas.

Opus incertum

As cetárias desta fábrica foram escavadas nos níveis de areia, dispondo-se em suaves socalcos maximizando assim as condições do terreno. Recebiam uma primeira camada de gravilha composta por pedra calcária triturada, sobre a qual se vertia a primeira camada de argamassa (mais leitosa), sobrepondo-se-lhe um primeiro nível de argamassa com gravilha mais fina, que por sua vez era alisada por uma aguada de argamassa que lhe conferia uma total impermeabilidade formando o *opus signinum*. Especial atenção foi dada aos ângulos da estrutura interna, com um espessamento, formando uma meia cana, ainda que, na maioria dos tanques, quase impercetível. O parapeito de cada um dos tanques receberia também *opus signinum*. O exterior dos tanques, e quando visíveis, eram em alvenaria sem revestimento – *opus incertum*. Os pátios associados às cinco unidades produtivas eram também pavimentados a *opus signinum* (FIG. 26).

Cronologia construção: século I d.C.

Cronologia abandono: século V d.C.

Bibliografia: Bugalhão, 2009.



FIG. 26

Sequência de cetárias construídas em *opus incertum* com alguns parapeitos conservados revestidos a *opus signinum* (© Pilar Reis).

FIG. 27

Compartimento 2 da *domus* identificada nos antigos Armazéns Sommer, realizado em *opus incertum* e com uso pontual de *lateres* (© Pilar Reis).





FIG.28
Fecho do muro do Compartmento 2 da *domus* identificada nos antigos Armazéns Sommer, realizado com blocos alternados em perpiano (© Pilar Reis).

Os Aparelhos Construtivos: Arquitectura Privada

Domus “Armazéns Sommer” (Hotel Eurostars Museum)

Estrutura arqueológica pertencente a uma *domus* reconhecida durante os trabalhos arqueológicos que decorreram nos antigos “Armazéns Sommer”, numa primeira fase em 2004/2005 e posteriormente em 2014/2015¹⁰. A *domus* em presença não foi, naturalmente, inteiramente colocada à vista, embora tenham sido identificados três compartimentos e o início de um outro. Destes, o localizado a poente poderá ser interpretado como um *tablinium*. Dois outros compartimentos quase intactos, tendo sido originalmente apenas um que depois foi dividido, apresentam uma planta quadrangular e duas portas, uma a sul (aqui também com uma janela) e outra a nascente. Em certo momento a sala foi dividida em duas por uma pequena parede. No compartimento poente foi identificado o pavimento musivo com o tema da “Vénus descalçando a sandália”.

Cronologia de construção: século II d.C.

Cronologia de desativação: séculos IV/V d.C.

Localização: Rua Cais de Santarém, n.ºs 40 a 64.

Bibliografia: Ribeiro, Neto e Rebelo, 2017; Ribeiro *et al.*, 2017a; 2017b; Neto *et al.*, neste volume.

Opus incertum

Pedras de calcário de distintas dimensões, apenas facetadas na face externa, sem constituírem verdadeiras fiadas horizontais. Pequenas pedras são colocadas por entre as maiores, tentando preencher os espaços vazios. Argamassa esbranquiçada estabelece a união entre os vários elementos pétreos. Num dos paramentos do compartimento 2 é visível uma tendência de regularização do aparelho com introdução fortuita de *lateres* (FIG. 27). O fecho do muro foi realizado com blocos alternados em perpiano (FIG. 28). Exteriormente a estrutura é regularizada por espessa camada de reboco e finalizado com uma camada de estuque e pintura a fresco.

Cronologia de construção: século II d.C.

Cronologia de desativação: século IV/V d.C.

Bibliografia: Ribeiro, Neto e Rebelo, 2017; Ribeiro *et al.*, 2017a; Neto, *et al.*, neste volume.

Domus na Rua dos Bacalhoeiros

Intervenção arqueológica que teve lugar em 2016 que logrou colocar à vista um peristilo de uma *domus*. Conserva ainda duas bases áticas evoluídas em dois dos quatro cantos do *impluvium*. Outras estruturas apareceram no local, sendo de destacar a muralha tardia.

Cronologia de construção: posterior a meados do século I d.C. (?).

Cronologia de desativação: século XVII (?)

Localização: Rua dos Bacalhoeiros n.º 16

Bibliografia: Pinheiro, Santos e Rebelo, 2017; Batalha, Pinheiro e Santos, no prelo.

Opus mixtum (?)

Os muros associados à estrutura do *impluvium* são de grande robustez (FIG. 29). Subjacente às bases (cantos nordeste e sudeste), ou seja, às colunas que suportariam o *compluvium*, observam-se silhares esquadriados, sendo o pano de muro prolongado por alvenaria de pedra e tijolo (?). Na parte superior dos muros observam-se *lateres* com uma argamassa de tonalidade esbranquiçada, sendo idêntica à argamassa que reveste as faces exteriores das estruturas (FIG. 30). Pensamos, no entanto, que poderão existir duas fases construtivas: uma correspondente à utilização de silhares na estrutura e outra no aparelho de *lateres* que encima as paredes do *impluvium*. Parece-nos, pelas fotografias visualizadas que parte do *opus signinum* se localiza também por baixo dos *lateres*. A confirmar-se esta hipótese, este material será mais tardio, da mesma altura em que a estrutura de silharia foi remodelada e que foram colocadas as colunas com as respetivas bases áticas que datamos do século IV d.C..

Cronologia de construção: século IV d.C. (?).

Cronologia de desativação: século XVII (?)

Domus da Rua Vítor Cordon

A intervenção arqueológica realizada em 2014 e 2015 permitiu a identificação de três estruturas pertencentes a um edifício e o reconhecimento de três fases construtivas: a edificação inicial, a de remodelação e ampliação com a construção de uma abside semicircular, com canalização e uma última fase, dos finais do século II / meados do século III d.C. quando se regulariza a área exterior à abside e se constrói novo muro, paralelo ao



FIG. 29

Peristilo de *domus* identificado na Rua dos Bacalhoeiros realizado em *opus mixtum* (Batalha, Pinheiro e Santos, no prelo, fig. 5).

FIG. 30

Pormenor da figura anterior com o emprego de *lateres* (Batalha, Pinheiro e Santos, no prelo, fig. 8).





FIG. 31
Opus incertum reconhecido nas estruturas
 parietais da *domus* suburbana
 (© António Valongo).

FIG. 32
Opus mixtum reconhecido nas estruturas
 parietais da *domus* suburbana
 (© António Valongo).



inicial. Os autores interpretam as estruturas da segunda fase como edifício termal, colocando a hipótese de se tratar de uma *domus* suburbana.

Cronologia de construção: meados do século I d.C.

Cronologia de desativação: século III d.C.

Localização: Rua Vítor Cordon, n.º 31.

Bibliografia: Valongo e Pimenta, 2017.

Opus incertum

Alvenaria de pedra com utilização de pedras de diferentes calibres. Nota-se uma clara diferenciação entre o aparelho usado no alicerce e o empregue nas paredes. Nos alicerces, que pouco ultrapassam a espessura dos muros, os elementos pétreos são de menor dimensão e não formam fiadas entre si. Nas paredes que ficariam visíveis, o aparelho é de maior dimensão. Os blocos inferiores são de média/grande dimensão, mas não esquadriados. Na junção das pedras regista-se uma argamassa de cor amarela de tom alaranjado. Na abside, o aparelho é de menor calibre e pontualmente é usada cerâmica de construção. Os *lateres* são empregues em exclusivo na canalização associada (FIG. 31).

Opus mixtum irregular

Alvenaria de pedra que recorre a elementos pétreos de variadíssimas dimensões. A fiada inferior é, aliás, composta por pequenas pedras e cerâmica de construção. Conserva-se uma altura muito pequena da estrutura a qual apresenta um ligante argiloarenoso de coloração avermelhada (FIG. 32).

Cronologia de construção: meados do século II d.C. / inícios século III d.C.

Cronologia de desativação: século III d.C.

Claustro da Sé de Lisboa: habitações

Trata-se de um muro de época tardia que corta a via, que se implanta com uma orientação norte/sul, no Claustro da Sé de Lisboa. Esta via articula-se em patamares, com degraus pouco altos. Em época tardia foram erigidos três muros paralelos entre si de orientação perpendicular ao eixo viário, ou seja, com uma orientação nascente/poente. Provavelmente a edificação destas estruturas que compartimentam um espaço anteriormente público, poderá relacionar-se com uma função habitacional.

Cronologia construção: século IV d.C.

Cronologia abandono: século VI d.C.

Localização: Claustro da Sé de Lisboa.

Bibliografia: Amaro, 1995, pp. 337-342.

Opus mixtum irregular

O aparelho empregue é misto, recorrendo a material reaproveitado. Algumas fiadas de *lateres*, reaproveitados, estabelecem níveis semi-horizontais de colocação irregular sem fiadas definidas e de dimensões distintas (FIG. 33).

Rua dos Correeiros/BCP (NARC) *Domus*

Num momento posterior, sobre parte das estruturas de armazenamento identificadas no complexo de preparados piscícolas assentou um espaço habitacional que recobriu o pavimento existente de *opus signinum* com *lateres* – *bessales* – e uma coluna composta por tijolos de quadrante. De salientar que este pavimento em *bessales* poderia estar associado ao pavimento sobre o qual assentaria a *suspensurae* das zonas aquecidas das termas. Todavia a destruição e sobreposição de estruturas não permite uma apreciação clara destes registos.

Cronologia construção: século III d.C. (?)

Cronologia abandono: século VI d.C.

Localização: Rua do Correeiros, n.º 21.

Bibliografia: Bugalhão, 2001; 2009; 2017.

Opus incertum

Os alicerces associados a esta possível *domus* são em *opus incertum*, numa técnica em todo semelhante à observada nas termas associadas a esta mesma fábrica (FIG. 34).

Cronologia: século III d.C. (?)

Os aparelhos construtivos: infraestruturas urbanas

Fonte pública nos Armazéns Sommer

A fonte pública aqui escavada corresponde a um modelo semelhante ao da *fontana a bauletto*, tão



FIG. 33

Estrutura que compartimenta a via do Claustro da Sé de Lisboa (Amaro, 1995, fig. 5).

FIG. 34

Opus incertum das estruturas de eventual *domus* existente no NARC. (© Pilar Reis).





FIG. 35
Emprego de *opus incertum* numa das estruturas da fonte pública nos antigos Armazéns Sommer (© Pilar Reis).

FIG. 36
Silhares empregues como aduelas na fonte pública nos antigos Armazéns Sommer (© Pilar Reis).



característica da cidade de Ostia. Construída em *opus incertum* reutiliza silhares de calcário e introduz alguns *lateres* para obter uma regularização das fiadas (FIG. 35). A cobertura da fonte, em abóbada, é marcada pelos silhares que desenhavam umas falsas aduelas na fachada principal (FIG. 36). O abastecimento é realizado pela fachada posterior, conservando-se o canaleta original de abastecimento. O interior da estrutura tem um ressalto junto à bica de abastecimento e estava integralmente revestido a *opus signinum*. O parapeito do fontanário apresenta um pronunciado desgaste de utilização. É de referir que junto a este fontanário está um poço, com elementos arquitetónicos reaproveitados e de cronologia mais tardia, conectado com uma cisterna ainda não publicada, embora referida.

Aparelhos: *opus incertum*; *opus signinum*.

Cronologia de construção: século IV d.C.

Cronologia de abandono: meados do século VII d.C.

Localização: Rua dos Bacalhoeiros n.º 16

Bibliografia: Gaspar e Gomes, 2017a; Ribeiro, Neto e Rebelo, 2017.

Vias

No Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros foi identificada a sul do edifício termal uma via composta por um lajeado em pedra calcária de rodados bem definidos¹¹ (FIG. 37). O passeio, que acompanharia o limite dos edifícios, em concreto o termal, era revestido a *opus signinum*, o que não deixa de ser uma singularidade da arquitetura urbana de *Olisipo*. A sua cronologia recuará aos inícios do século I d.C..

Na Sé de Lisboa foi identificada uma via lajeada, de carácter pedonal, que vence o desnível da colina através de amplos patamares. Por baixo de esta corre uma cloaca com 1,30 m de altura e 0,64 m de largura. A cronologia deste eixo recua aos inícios do século I d.C.. É de sublinhar que existe o registo de pavimentos republicanos associados a este contexto público com um pavimento em seixo rolado e fragmentos cerâmicos uniformizado por um nível de argamassa de composição argilosa¹².

Aparelhos: lajeado; *opus signinum*.

Cronologia de construção: século I d.C.

Cronologia de abandono: século IV d.C. no NARC e meados do século VII d.C. na Sé.

Bibliografia: Bugalhão, 2017; Gaspar e Gomes, 2017b, p. 116.



FIG. 37

Via lajeada existente no NARC (© Pilar Reis).

Cloacas

São em número reduzido as cloacas reconhecidas na cidade. Algumas não publicadas, como acontece nas termas dos Cássios, mas da qual temos certeza da sua existência devido a circunstâncias específicas, outras apresentadas com breve descrição, como acontece na via do Claustro da Sé, decerto haverá outras que aguardam uma análise interpretativa, mas das quais não foram ainda disponibilizadas informações. Circunscrevemos, pois, a uma breve apresentação sobre as quais possuímos dados.

Há casos referenciados como estruturas romanas quando, de facto, não o são. É o que acontece, apenas como exemplo, no caso da intervenção arqueológica realizada em 2001 por Manuela Leitão e Vasco Leitão na Rua de São João da Praça. No local foi reconhecida a muralha tardo-romana, mas nada mais que se relacione com uma rua, e muito menos com uma cloaca. O único vestígio detetado foi um pequeno caneiro com paredes de alvenaria e que poderá ser atribuível a época medieval ou moderna. Deste modo, repudiamos o que refere Rodrigo B. Silva quando afirma que,

das estruturas então exumadas “inclui um *cardine* e cloaca respetiva, parcialmente sobrepostos pelo paramento externo da muralha do Baixo-Império numa sondagem recentemente realizada no subsolo da Rua de S. João da Praça sob a direção de Manuela Leitão”¹³. Por sua vez, agradecemos a esta arqueóloga o esclarecimento destes dados.

Cloaca da via do Claustro da Sé

Localizada no eixo da via, tem uma orientação igual àquela, ou seja, norte/sul (o mesmo eixo do teatro romano). A data da sua construção será coeva à da via e a sua desativação encontra-se bem balizada pelo facto de ter sido recolhido um tesouro de moedas de prata no seu interior, de época califal e taifa, assim como dois anéis em prata dourada de época islâmica (*Catálogo Lisboa Subterrânea*, 1994).

Descrição: a cloaca tem 60 cm de largura e 1 m de altura até ao arranque da abóbada. Lajeada no fundo e com cobertura abobadada realizada com pedras calcárias. A via, possivelmente construída nos inícios do século I d.C., talvez um pouco anterior, tem 14,50 m de comprimento e uma

largura de 2,80 m. A sua inclinação é acentuada, no sentido norte/sul, seguindo a cloaca idêntica inclinação.

Cronologia de construção: século I d.C.

Cronologia de abandono: século XI-XII.

Bibliografia: Amaro, 1995, pp. 337-342; Gaspar e Gomes, 2017b.

Cloaca das Termas dos Cássios

Cloaca identificada no decurso da escavação das designadas “Termas dos Cássios” em 1991/1992¹⁴. Esta estrutura localiza-se subjacente a um corredor revestido a *opus signinum* com a mesma orientação. Este pavimento possuía uma violação o que permitiu reconhecer a sua existência. A estrutura encontrava-se quase totalmente colmada por sedimentos, somente restando livre cerca de 0,50 m desde a parte superior (interna) da abóbada.

Descrição: Cloaca com uma orientação sensivelmente nordeste/sudoeste, com 1,20 m de altura e cerca de 0,65 m de largura. Paredes e abóbada em alvenaria de pedra. Reconhecida numa extensão de 21 m para sul e prolongando-se nesse sentido. A mesma estrutura continuaria para norte ainda que não tenha sido realizado o seu reconhecimento uma vez que os sedimentos eram em maior quantidade, colmatando todo o vão. A estrutura apresenta meia-cana na base interna dos muros.

Cronologia de construção: século I d.C.

Cronologia de abandono: ?

Bibliografia: Silva, 2011; Fernandes e Loureiro, em publicação.

Cloaca das Termas dos Cássios: Rua das Pedras Negras n.ºs 41-35

Cloaca de grandes dimensões, embora desconheçamos quais, uma vez que os autores as não indicam¹⁵. Apresenta uma orientação noroeste/sudeste com pendente para nascente. Esta cloaca intercetaria a sudoeste a cloaca anterior (atual n.º 43 da Rua das Pedras Negras). A cronologia construtiva, ainda que não seja muito clara, parece apontar para os séculos I/II d.C..

Cronologia de construção: século I d.C.

Cronologia de abandono: ?

Bibliografia: Gomes, Filipe e Ponce, 2017.

Cloaca do Largo do Chafariz de Dentro

Situar-se-á a norte do Chafariz d’El Rey. Informação de cloaca mencionada por Rodrigo B. Silva, mas não descrita.

Bibliografia: Silva, 2012b, p. 311.

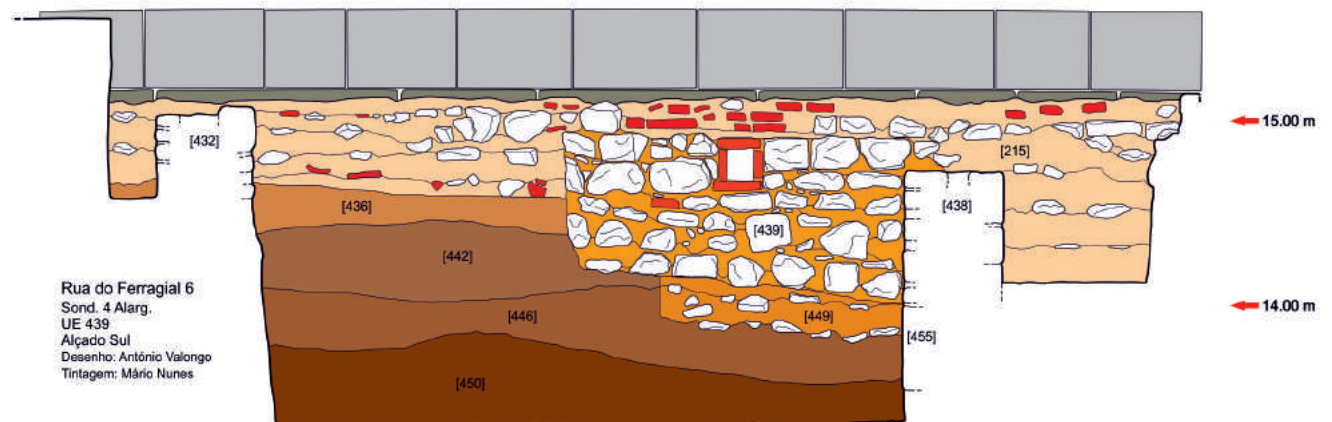
Canalização no Largo do Contador-Mor

Referência a uma canalização em tijoleira identificado no local em 2008. Referência apresentada por Rodrigo B. Silva não indicando outra informação que não a cronologia alto-imperial, desconhecendo-se o fundamento.

Bibliografia: Silva, 2012b, p. 198, n.º 1216.

FIG. 38

Desenho do alçado sul UE [429] da Rua Vitor Cordon com a canalização em *lateres* no centro (© António Valongo).



Canalização na Rua Vítor Cordon

Canalização de secção quadrada, foi integralmente construída em *lateres*. Esta estrutura atravessa uma abside, em alvenaria, escoando as águas para o exterior do edifício, reforçando a interpretação de pertencer a uma estrutura termal (FIG. 38).

Cronologia de construção: meados do século I d.C.

Cronologia de desativação: século III d.C.

Bibliografia: Valongo e Pimenta, 2017.

Os aparelhos de revestimento

Opus Musivum

Diz-se da técnica de revestimento que utiliza peças cúbicas em pedra, cerâmica, pasta de vidro ou metal, com espessura inferior aos 10 cm e assentes sobre uma camada de argamassa. Na bibliografia é comumente utilizada a expressão *opus tessellatum*, ainda que esta expressão implique que as juntas entre as *tesselas* sejam muito finas, o que se aplica na grande maioria dos exemplos retratados.

NARC (Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros)

Foi durante a campanha de escavações, iniciada em 1991, no quarteirão pombalino da Rua dos Correeiros (NARC), que se localizou o primeiro mosaico *in situ* em Lisboa. Identificada uma fábrica de produtos piscícolas, armazéns e estruturas de carácter doméstico, foi também escavado o *frigidarium* de umas termas, julgamos nós, *balnea meritoria*, ou seja, de natureza semipública, talvez associadas a um *collegium* industrial. O pavimento deste espaço termal foi decorado com um mosaico policromo de motivos geométricos dividido em quatro painéis: um decorado com peltas e outro com meandros de suásticas. A moldura que delimita toda a sala do *frigidarium* marcava os acessos às pequenas piscinas de água fria. A escolha e disposição dos motivos confirma a sua inspiração norte africana. (FIG. 23).

Cronologia do mosaico: século III d.C.

Bibliografia: Bugalhão, 2001; Caetano, 2006, p. 26; 2017, pp. 112-115.

Armazéns Sommer (Eurostars Museum Hotel)

A *domus* conservada no subsolo dos antigos armazéns Sommer apresenta um extraordinário nível de conservação quando comparada com outros contextos lisboetas. Da *domus* conservaram-se, e escavaram-se, três ambientes: um espaço exíguo, de planta trapezoidal e pavimento em *opus signinum*, e duas salas, atualmente unidas, ambas pavimentadas com mosaicos geométricos e figurativos. É, aliás, esta a primeira vez que um mosaico figurativo se documenta na cidade. No compartimento C2 dois painéis estão integralmente conservados. O superior representa uma sequência de moinhos de quatro peltas em movimento com um nó de Salomão no eixo, e o painel inferior, um motivo circular preenchido por hexágonos, ao centro do qual se representa Vénus saindo da concha, enquanto descalça a sandália. O espaço foi interpretado pela equipa arqueológica como um *tablinum*.

Cronologia do mosaico: segunda metade do século II d.C.

Bibliografia: Ribeiro, Neto e Rebelo, 2017; Ribeiro *et al.*, 2017b; vide texto presente neste volume (Neto *et al.*).

Opus Tectorium

Engloba-se no *opus tectorium* as técnicas de revestimento, do interior ou exterior dos edifícios, que empregam uma pasta, ou um preparado semilíquido, que após secar pode servir como base de uma decoração - pintar a fresco, por exemplo - ou como camada protetora final. O estuque - o *opus albarium* - é considerado uma derivação do *opus tectorium*. Deste último recolhem-se pequenos fragmentos em alguns contextos, reveladores da sua utilização como técnica decorativa, mas a sua descontextualização da posição original não permite no atual contexto lisiponense uma descrição acurada. Além deste facto, não listamos exaustivamente as várias menções que surgem a este tipo de revestimento por se tratar de meras referências sem descrições detalhadas.

Armazéns Sommer (Eurostars Museum Hotel)

Nos compartimentos C2 e C3 do edifício romano identificado no limite poente, conservam-se decorações pictóricas das paredes, representando



FIG. 39
Pintura mural do compartimento 2 da *domus*
dos antigos Armazéns Sommer
(© Pilar Reis).

FIG. 40
Fragmentos de fresco pintado a branco
e vermelho recolhidos no antigo “Largo do Aljube”
(© Lídia Fernandes – Museu de Lisboa
– Teatro Romano / EGEAC).



no C2, no seu registo inferior, um varandim estilizado e superiormente quadros emoldurados (FIG. 39). Todavia as representações atualmente visíveis pertencem a uma segunda fase existindo a hipótese de terem existido representações figurativas. O compartimento C3 está separado de C2 por uma fina divisória em tijolo. Os autores indicam que se trata de uma parede em *opus latericium* o que implicaria a presença de tijolos crus o que não é o caso¹⁶. Há também referência a mais fragmentos de estuque provenientes de outros ambientes domésticos escavados na área destes antigos armazéns.

Bibliografia: Ribeiro, Neto e Rebelo, 2017; Ribeiro *et al.*, 2017b.

Rua de Augusto Rosa (frente ao n.º 42)

Intervenção arqueológica realizada em 2009, junto à fachada do atual Museu de Lisboa – Teatro Romano. Foram identificadas várias estruturas romanas sendo uma delas um silo de época tardia que continha no seu interior vários materiais. Peças de cerâmica comum, algumas ainda *in situ* e vários fragmentos de fresco, todos de cor branca com traços a vermelho (FIG. 40).

Bibliografia: Fernandes, 2011, pp. 263-311; Fernandes, Sepúlveda e Antunes, 2012.

Teatro romano

Foram exumados dezenas de fragmentos de fresco policromo ao longo da escavação da parte sul do teatro romano. Estes fragmentos, no entanto, não têm contexto correspondendo a materiais integrados em sedimentos de deposição secundária no enchimento criado para a edificação do terraço na parte sul do monumento cénico.

Conservam-se vestígios de *opus albarium* em alguns fustes do teatro, de cor branca.

Bibliografia: Fernandes, 2011, pp. 263-311.

Edifício do Aljube

Na intervenção arqueológica realizada no r/c foram recolhidos múltiplos fragmentos de estuque pintado com “realce para o vermelho, amarelo e azul), conjunto de tessellæ soltas, e alguma loiça fina” (Amaro e Sepúlveda, 2017, p. 276).

Bibliografia: Amaro e Santos, 2005; Amaro e Sepúlveda, 2017.

Termas dos Cássios

Existem porções conservadas, embora diminutas, de pintura parietal e estuques de fundo branco e faixas vermelhas¹⁷ conservadas *in situ* (FIG. 41). Todavia é de 1790 que nos chega a descrição da decoração de um nicho, que se sobrepunha a uma das piscinas do *frigidarium*, com a representação de uma concha. Esta temática é muito comum em contexto termal, como acontece no trilobado *alveus* da Casa dos Mármore em Mérida, e por regra a representação corresponde a uma vieira.

Opus Sectile

Tradicionalmente considera-se o *opus sectile* como uma variante da técnica de mosaico, que utiliza para representar os motivos figurativos ou geométricos, finas placas de pedra recortadas e encaixadas em *puzzle*, assentes sobre uma argamassa idêntica à utilizada para a colocação das tesselas. Os motivos podem ser geométricos e repetitivos, com pedra de diferente natureza e origem, formando pavimentos com uma decoração opulenta, mas menos laboriosos que o mosaico.

Teatro

O pavimento que a seguir se analisa foi identificado, muito provavelmente em 1798, pois encontra-se registado na área da *orchestra*¹⁸ no desenho aguarelado da autoria de Francisco Xavier Fabri em 1798. Aquele arquiteto, curiosamente, não regista o reticulado do pavimento, mas tão somente a delimitação da área, a qual corresponde a um largo muro semicircular. Desconhecemos, pois, se essa parte interna não terá sido colocada a descoberto somente após a realização daquele desenho. Todos os vestígios do teatro colocados a descoberto no século XVIII foram novamente soterrados com a construção de novos edifícios. Nas campanhas de 1964 realizadas por Fernando de Almeida, e depois por Irisalva Moita (1965 e 1967), voltou-se a desentulhar a área central. Teodor Hauschild elabora um desenho de reconstituição do padrão e recentemente Carlos C. Loureiro (Museu de Lisboa) em conjunto com uma das signatárias (LF), reelabora novo desenho.

Aparelho: *opus sectile* com padrão muito linear composto por grandes lajes quadradas talhadas em calcário rosa claro (FIGS. 42 & 43). São rodeadas por lajes retangulares de mármore de Trigaches, de cor cinzenta. Placas quadradas de menor dimensão



FIG. 41

Vestígios de fresco nas termas dos Cássios, com bandas vermelhas sobre fundo branco (© Lídia Fernandes – Museu de Lisboa – Teatro Romano / EGEAC).

FIG. 42 + 43

Opus sectile conservado na *orchestra* do teatro romano de Lisboa (© Lídia Fernandes – Museu de Lisboa – Teatro Romano / EGEAC).

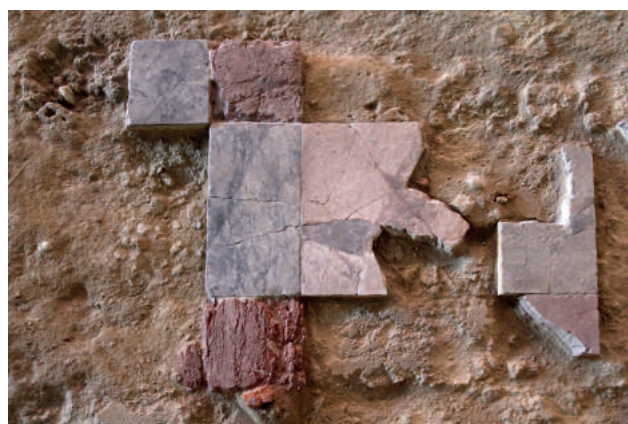
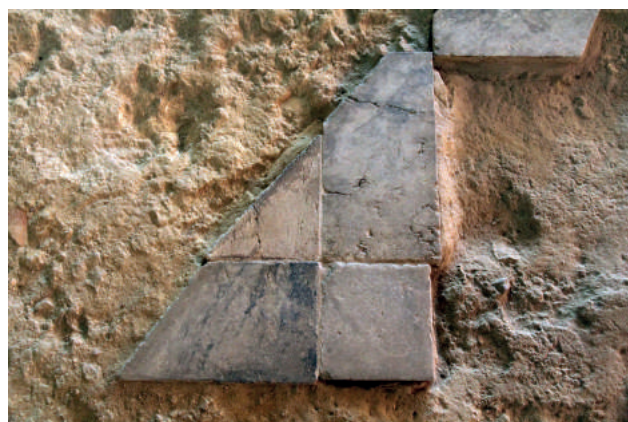




FIG. 44
Negativo das placas de *opus sectile* identificados
junto ao teatro romano (Rua da Saudade n.º 6).
(© José Avelar – Museu de Lisboa/EGEAC).

constituem os ângulos da composição. Estes últimos elementos são em calcário rosa escuro. Uma particularidade evidenciada no talhe das peças é o seu limite ser talhado de forma biselada. Esta particularidade técnica reforça a estabilidade do pavimento uma vez que a argamassa de assentamento, aquando da colocação das placas, preencheria por completo o espaço entre as pedras¹⁹.

Cronologia de construção: 57 d.C.

Cronologia abandono: século V d.C.

Bibliografia: Fernandes, 2006; 2007; 2013; 2017; 2017c; 2018, pp. 24-39; Fernandes e Coroadó, 2018; Hauschild, 1990; Pérez Olmedo, 1996, Lám. LI. b); Fernandes e Grilo, 2019.

Templo (?) junto ao teatro

Contexto: intervenção arqueológica realizada em 2019 na Rua da Saudade por ocasião da adaptação do espaço a garagem.

Aparelho: pavimento em *opus sectile* do qual se conservam os negativos de assentamento das lajes do pavimento. Conservam-se, igualmente, fragmentos de vários litotipos que foram usados para fazer o nivelamento do assentamento. Deverão corresponder a desbastes do talhe das lajes, realizado no local, tendo os desperdícios sido utilizados para aquele propósito. O desenho destes negativos organiza-se em duas faixas centrais orientadas noroeste-sudeste, compostas por quadrados inscritos em quadrados de igual dimensão, colocados obliquamente. Esta composição está rodeada por faixas de retângulos, rematadas nos ângulos por quadrados. A área restante do pavimento seria decorada por quadrados mais pequenos (FIG. 44).

Cronologia de construção: meados do século I d.C.

Cronologia abandono: Desconhece-se qual o contexto de abandono de época romana.

No século XVII/XVIII o pavimento de argamassa foi reaproveitado como pavimento de uma habitação dessa época.

Bibliografia: Fernandes e Grilo, 2019, pp. 16-22.

Termas dos Cássios

A bibliografia refere a existência de pavimentos revestidos com placas de mármore e *opus sectile* ainda que nada tenha sido encontrado *in situ*. Os fragmentos de mármore e calcário em questão parecem ser demasiado espessos, colocando-se a hipótese de terem servido como capeamento parietal.

Bibliografia: Silva, 1999, p. 48.

Opus signinum

Trata-se de uma argamassa que também é utilizada como revestimento, com uma singela aparência e de utilização transversal a quase todos os contextos. É repetidamente utilizado como fator de aferição cronológica, ainda que por si só apenas seja utilizado como garantido contexto “romano” abrangendo uma lata cronologia até à antiguidade tardia. A técnica de elaboração do *opus signinum* foi pormenorizadamente descrita por Vitruvius no primeiro capítulo do Livro VII. A menção que o arquiteto fez à pozolana, como ingrediente essencial na

preparação deste tipo de argamassa, não encontra, obviamente, aplicação em todo o império e é em muitos exemplos substituída por outros ingredientes que lhe conferem a desejada impermeabilidade, tais como cinzas, gorduras animais, ou farinhas vegetais. Um outro elemento importante era o “pó de tijolo” que também pode ser substituído pelo “pó de mármore”. A sua qualidade impermeável e a sua incrível resistência fizeram dela uma técnica revolucionária no quadro da arquitetura e da engenharia romana. Uma variante, o *cocciopesto*, designa na bibliografia um *opus signinum* com gravilha cerâmica de granulometria mais grosseira (2/3 cm).

Teatro

O pavimento da área inferior ao palco (*hyposcænium*) foi descoberto nas intervenções arqueológicas da década de 1960²⁰. A área tem sofrido algumas ações de restauro. Uma delas teve como objetivo a reintegração daquele pavimento romano numa concavidade coeva da edificação do teatro, que serviria para a recolha de águas que, através do palco, chegariam ao pavimento subjacente. Mais recentemente, em 2017 foi restaurada uma parte da estrutura do proscénio tendo sido, para o efeito, removida uma parte do pavimento.

Aparelho: *opus signinum*. É composto por uma estrutura interna formada maioritariamente por fragmentos de cerâmica, mas, também, por fragmentos de pedra calcária. A sua dimensão varia entre 1 a 4 cm e possui argamassa rosada no seu interior. Superiormente foi colocada uma fina camada de argamassa de cal, de muito boa qualidade, muito uniforme e de homogéneo acabamento. O pavimento em *opus signinum* tem uma espessura de 8/12 cm. A composição do *opus signinum* indica a presença de argamassas de calcite, grosseira, com agregados de areia fina a areia média, de quartzo, observando-se na primeira amostra a presença de fragmentos de cerâmica que comporiam o revestimento em *opus signinum*²¹. Os traços estimados são muito ricos na razão da ordem de 1 de cal para 1 de agregado (1:1). Aquando da realização do restauro foi possível observar o *rudus* de suporte, o qual apresenta uma espessura variável entre 15/20 cm. Este *rudus* tem a particularidade de a parte pontiaguda das pedras se encaixar no solo e não possui qualquer outra preparação uma vez que o solo geológico é composto por margas argilosas muito compactas (FIG. 45). Uma pequena área retangular apresenta um restauro do *opus signinum* realizado em época romana, embora posterior ao restante pavimento. Os fragmentos cerâmicos são, neste local, de maior dimensão (FIG. 46).



FIG. 45
Perspetiva de nascente para poente do *hyposcænium* do teatro com todo o pavimento em *opus signinum* (© José Avelar – Museu de Lisboa / EGEAC).

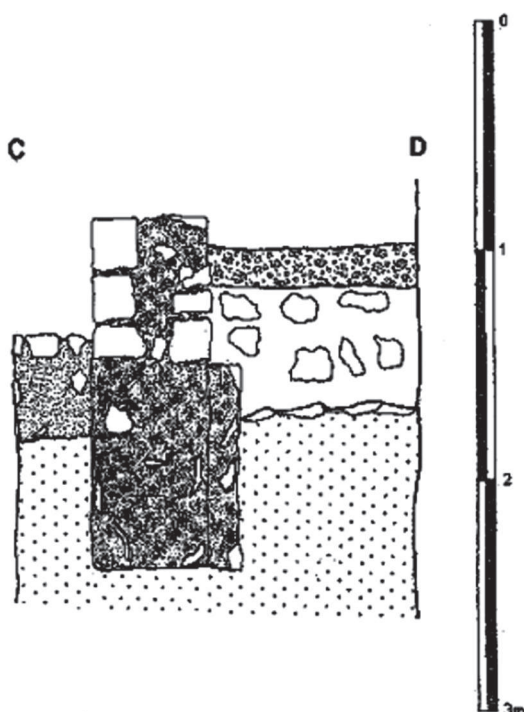
FIG. 46
Pormenor de uma área do *opus signinum* restaurada em época romana (© José Avelar – Museu de Lisboa / EGEAC).





FIG. 47
Pormenor do *opus signinum* identificado na *spina* do circo e do enrocamento subjacente
(© Lídia Fernandes / Museu de Lisboa
– Teatro Romano / EGEAC; Ana Vale – DGPC).

FIG. 48
Corte do pavimento e enrocamento subjacente assim como do murete lateral da *spina* do circo
(© Des. Lídia Fernandes / Museu de Lisboa
– Teatro Romano / EGEAC).



Cronologia de construção: meados século I d.C. ou posterior

Cronologia abandono: (?) foi sendo sempre aproveitado até aos inícios do século XIX.

Bibliografia: Fernandes, 2006; 2007; 2013; 2017; 2017c; 2018; Fernandes e Coroado, 2018; Hauschild, 1990.

Circo

Identificado em 1994/1995 através de um poço de sondagem realizado na Praça D. Pedro IV. A única parte reconhecida foi um troço da *spina*, numa extensão total de cerca de 15 m de comprimento sensivelmente no sentido noroeste/sudeste. O tabuleiro da barreira, que marcaria o centro do recinto da arena, estava revestido a *opus signinum*. Uma meia-cana estabelecia a ligação ao murete que o delimitava, sendo o único visível o do lado poente.

Aparelho: o *opus signinum* identificado na barreira do circo romano é de uma enorme qualidade. Com uma espessura que variava entre os 0,15/0,18 m, assentava sobre um enrocamento de pedra com cerca de 0,60 m. Foi possível detetar que o cimento romano revestia igualmente o muro lateral, que o delimitava pelo lado poente (supondo-se que do lado oposto exista outro, paralelo, mas localizado em área não intervencionada) desenhando uma meia-cana na ligação à base. A sua composição é homogénea, com fragmentos de calcário e de cerâmica o que lhe confere uma coloração rosada. Os fragmentos são de média dimensão com cerca de 2 a 4 cm de espessura. Forte argamassa de coloração esbranquiçada colmatava os espaços entre os fragmentos (FIGS. 47 e 48).

O *rudus* era composto por pedras de biocalcarenito, possuindo apenas como ligante a argila. As pedras, de médio a grande calibre, constituíam uma estrutura muito forte embora, à primeira vista, quase parecessem soltas. O imbrincado das pedras não afeiçoadas e muito rugosas fazia com que o suporte do pavimento fosse de enorme coesão tendo sido muito difícil a sua desmontagem.

Cronologia de construção: século III d.C. (*vide* capítulo neste volume sobre o circo).

Cronologia de abandono: século XI/XII, época medieval islâmica ou anterior.

Localização: Praça D. Pedro IV (Rossio).

Bibliografia: Vale, 2001, pp. 125-137; Vale e Fernandes, 1997; 2017.

Termas dos Cássios

No corredor/área de acesso às fornalhas há uma pavimentação em *opus signinum*.

Bibliografia: Fernandes, 2011, p. 296.

Sé de Lisboa – *tabernæ*

Em algumas das *tabernæ* identificadas ao longo de uma via pedonal com orientação N/S o pavimento era em *opus signinum*, com 7 a 18 cm de espessura. É também referido, genericamente a presença de pavimentos em *lateres*.

NARC (Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros) – fábrica

É desconhecida a extensão desta fábrica de salga, mas a metodologia de construção e revestimento das suas cetárias, obedeceu a princípios semelhantes ao de tantos outros complexos, inclusive situados na mesma *Olisipo*, ou nos seus arrabaldes²². O *opus signinum* revestia integralmente o interior da estrutura, mas também o seu para-peito, facilitando assim o acesso e a limpeza. É visível, em pelo menos uma das cetárias, um segundo nível de *opus signinum* sem que aparentemente se tenha diminuído significativamente a capacidade volumétrica do tanque. Estas reparações do revestimento, serão necessárias continuamente, especialmente se pensarmos que estes tanques estavam expostos à corrosão provocada por preparados alimentares de inegável acidez e salinidade. As fortes concreções que se observam são também consequência dessa dilatada utilização (FIG. 49).

Beco do Angeja

Numa sondagem arqueológica realizada em 2005²³ no enfiamento do Beco do Palácio do Marquês de Angeja e em área que, anteriormente ao terremoto de 1755, coincidiria com a antiga Rua das Atafonas, foram detetadas estruturas que remontam ao período republicano, ou com um nível de ocupação augustana. Sobre estes níveis, e estruturas, foi construído um edifício, de época imperial, do qual se reconheceu parte de uma piscina de água fria, em abside e com um degrau interno. Internamente estava revestida a *opus signinum*. Provavelmente esta pequena piscina com 1,2 m de raio, pertenceu ao balneário de uma *domus*.



FIG. 49

Cetária do NARC com revestimento a *opus signinum* e evidentes concreções na superfície (© Pilar Reis).

FIG. 50

Concavidade para colocação dos mastros de suporte do *auleum* do teatro romano, revestido a *opus testaceum* (© Lídia Fernandes / Museu de Lisboa – Teatro Romano / EGEAC).



Cronologia: Construção entre 80-120 d.C. e desativada nos finais do século IV ou V quando se lhe sobrepôs uma outra estrutura de grandes dimensões, mas de utilização desconhecida.

Bibliografia: Filipe e Calado, 2007.

Opus Testaceum / Opus Figlinum

Incluimos aqui o *opus testaceum*, também designado por *opus figlinum*²⁴, como sinónimo de pavimentos revestidos a tijoleira cerâmica. A literatura distingue bem entre *opus latericium*, obra com tijolos crus, isto é, adobes, e *opus testaceum*, obra em tijolos cozidos, ou seja, tijoleiras, ladrilhos, etc.²⁵. Infelizmente os exemplos que se registam em Lisboa, pelo menos os publicados, são em número muito reduzido.

Teatro

O único local no teatro romano onde se verifica o emprego de material cerâmico é no revestimento das concavidades de secção quadrada existentes no *hyposcænium*, junto ao muro do *proscænium* (encostadas à sua face sul). Estas estruturas destinavam-se à colocação dos barrotes que seguravam o *auleum*, ou pano de cena. Atualmente apenas se conservam três ainda que haja indícios de outros dois, evidenciado por ainda se conservar a meia-cana em *opus signinum* que delimita exteriormente as concavidades. Estas possuem entre si uma distância de 3,60 m (de eixo a eixo)

FIG. 51

Pavimento realizado com *lateres* reaproveitados (Batalha, Pinheiro e Santos, no prelo, fig. 4).



e têm uma largura interna que varia entre os 31 e 45 cm e uma profundidade de 1 m (FIG. 50).

Aparelho: os *lateres* que revestem internamente a estrutura têm 31 cm de largura. Como a estrutura onde são aplicados é maior, foram cortados alguns com uma largura de 15 cm.

Cronologia de construção: inícios século I d.C.

Cronologia abandono: século V d.C.

Bibliografia: Almeida, 1966; Diogo, 1993; Fernandes, 2005; 2006; 2007; 2013; 2017; Fernandes e Coroado, 2018; Hauschild, 1990; Moita, 1970.

Domus Rua dos Bacalhoeiros

Regista-se neste local um piso em *lateres* e *tegulae* que se encontra conservado numa porção relativamente pequena tendo sido cortado pela implantação de estruturas de época posterior sendo que o próprio pavimento se encontrava em deficiente estado de conservação (FIG. 51). O que ressalta desde logo é que se trata de um pavimento que reaproveita *lateres*. A sua disposição é quase aleatória e poucos se encontram completos. Áreas não abrangidas pelo material cerâmico foram colmatadas por argamassa de coloração esbranquiçada.

Cronologia de construção: posterior ao século IV d.C.

Cronologia de desativação: século XVII (?)

Bibliografia: Pinheiro, Santos e Rebelo, 2017; Batalha, Pinheiro e Santos, no prelo.

Teatro romano: opus spicatum

Na campanha arqueológica de 2010 realizada no pátio do museu foi identificado um pequeno tijolo em losango que faria parte de um original pavimento em *opus spicatum*, de modelo itálico. Salienta-se, no entanto, que o exemplar foi encontrado em contexto secundário, subjacente a um outro pavimento em argamassa de época republicana pelo que será um pouco anterior àquele. Assinalam-se paralelos num edifício republicano de Monte dos Castelinhos (Vila Franca de Xira), ou no Alto dos Cacos (Almeirim), Chões de Alpompé, ou no acampamento romano de Cáceres el Viejo, entre outros.

Cronologia de construção: século II a.C.

Cronologia de desativação: século II / inícios século I a.C.

Bibliografia: Pimenta, 2013; Heras Mora e Macarena Bustamende, 2007.

Analisar os diferentes aparelhos e opções aplicadas em *Felicitas Iulia Olisipo* permite, com os dados atuais, verificar a predominância do *opus incertum*, executado com maior ou menor sagueza, como aparelho predileto na arquitetura urbana. Há em alguns exemplos a tendência para aplicar fiadas horizontais introduzindo como guias silhares, ou pedra afeiçãoada, mas raramente *lateres*. É aliás notável como em *Olisipo* a utilização do tijolo apenas se associa à parte técnica do edifício, entenda-se, bocas de fornalhas, *hypocausta*, revestimentos para aplicação de *opus signinum*.

É esporádica a utilização dos materiais cerâmicos, e quando surgem nos muros, arriscamo-nos a admitir, corresponde à utilização de excedentes. Um caso paradigmático constitui o teatro romano onde em nenhum local se observa a presença de material cerâmico a não ser, exclusivamente, nas concavidades destinadas a receber os mastros do *auleum*. Os fragmentos cerâmicos são igualmente utilizados no pavimento de *opus signinum* que os emprega em altíssima percentagem. Sublinha-se ainda que não se regista qualquer fragmento de *later* no *opus caementicium* do teatro.

Pelo que acabamos de afirmar merecemo-nos especial estranheza a fraca utilização da cerâmica de construção se pensarmos no intenso fabrico cerâmico que a cidade produziu, especialmente a partir de meados do século I d.C., acompanhando a necessidade de exportação dos produtos aqui produzidos para o vasto império.

Não é, pois, *Olisipo* uma cidade de tijolo, mas é, sem dúvida, de mestres de obra especializados em alvenaria e argamassas. E talvez assim se justifique que durante séculos se tenha dado preferência a pavimentos em *opus signinum* em detrimento, por exemplo, dos *lateres*, e que o reboco, também exterior, fosse uma das opções mais comum.

Não estranha que a cofragem também fosse uma opção corrente, encontramo-la nas

fundações e abóbadas, o que implicava recorrer a mão de obra especializada, carpinteiros que, com habilidade, montassem taipais e cimbres de madeira. A aplicação de cimbres está documentada no teatro romano assim como nas abóbadas das galerias romanas da Rua da Prata. No primeiro caso é utilizado nas infraestruturas embora não seja possível saber, por não se ter conservado, se terá igualmente sido empregue nas muitas abóbadas que o monumento cénico teria.

A matéria-prima também se destaca nesta análise, pois talvez seja ela uma das razões para a utilização da alvenaria como método construtivo preferencial, verificando-se que nas argamassas também se utilizaram elementos autóctones, como o calcário e a areia. Infelizmente ainda são escassas as análises das argamassas utilizadas que permitam rastrear, com rigor, os seus componentes. Uma exceção, mais uma vez, para o caso do teatro uma vez que conhecemos as componentes químicas e mineralógicas de algumas das argamassas aplicadas no edifício.

Na análise da matéria-prima empregue na obra romana de *Felicitas Iulia Olisipo*, somos a concluir por um sábio aproveitamento dos recursos naturais. A pedra, as areias, as argilas são amplamente utilizadas e a sua aplicação revela um profundo conhecimento das qualidades e propriedades dos materiais. O emprego de areia quartzítica no pavimento de *opus signinum* do teatro que revestia o *hyposcaenium* revela uma seleção claramente intencional das areias a utilizar. O emprego do biocalcarenito até meados do século I d.C. e a substituição, a partir daquela data, por calcários mais homogêneos terá de se relacionar com técnicas construtivas específicas: a aplicação do *opus caementicium* de forma intensiva em construções de grande dimensão, as quais se pretendia que fossem de célere conclusão. A utilização da cal viva no *opus caementicium* do teatro comprova

a rapidez construtiva e objetivos de eficiência, sendo que a secagem do cimento nestas condições é substancialmente mais rápida.

A permanência das técnicas e um certo conservadorismo construtivo resulta numa dilatada supervivência dessas mesmas técnicas, o que implica assumirmos datações extensas para determinados contextos.

Notas

¹ Conferência proferida por Pedro Rodríguez Oliva nas *Jornadas Sobre Teatros en Hispânia*, Córdova, 2002.

² Temos de poente para nascente, afastamentos de 22 PR (6,60 m), 25 PR (7,30 m) e, por último e até ao cunhal desta estrutura, 12 PR ½ (3,70 m), medidas estas tomadas do eixo, num total de quatro “contrafortes” visíveis até ao momento.

³ A análise granulométrica dos agregados e estimativa do traço indica, na maioria das amostras de argamassas recolhida, uma distribuição do grão similar com partículas bem calibradas de areia fina de composição essencialmente quartzosa e reduzida quantidade de finos (silte e argila). As relações estimadas em volume de ligante-agregado variam entre 1:2 e 1:3. Destes resultados pode-se inferir que as argamassas foram produzidas com cal aérea e com agregados selecionados e lavados, indicando fases de preparação dos agregados como a crivagem e a lavagem, compatível com o bom acabamento de superfície que se observou nos locais de recolha (Fernandes e Coroadó, 2018).

⁴ Pensámos inicialmente que se poderia tratar de um vão que teria sido entaipado posteriormente. Foi feita uma pequena sondagem e não se confirmou tal suposição.

⁵ Como desconhecemos a face sul deste muro não é possível perceber se foi igualmente usado este limite composto por taipais ou um outro. Acreditamos, no entanto, que seja idêntico.

⁶ Na ocasião funcionava no local a antiga Direcção Regional de Lisboa do Instituto de Reinserção Social. Em 2015, o imóvel foi convertido no atual Museu do Aljube – Resistência e Liberdade / EGEAC.

⁷ Em 1790 durante as obras de reconstrução, após o terremoto de 1755, foi identificado o *frigidarium* conservado até ao arranque da cobertura. As duas pormenorizadas descrições de Manuel Roiz Maya e Tomás Caetano de Bem permitem algumas conclusões.

⁸ Diogo e Trindade, 1999.

⁹ Atualmente parece mais evidente devido ao preenchimento das juntas realizado durante trabalhos de restauro de modo a que a estrutura ficasse mais estável.

¹⁰ A primeira intervenção foi da responsabilidade de Ana Gomes e a segunda da empresa de arqueologia Neóepica Património e Arqueologia.

A estratigrafia arqueológica, aquela que dita esta ou aquela precisão cronológica, está na maior parte dos casos ausente, com algumas exceções como ocorre nas Termas dos Cássios, pois é uma inscrição que o confirma, ou o caso do teatro onde as cronologias estão mais balizadas.

¹¹ Bugalhão, 2017.

¹² Gaspar, Gomes, 2017b, p. 116.

¹³ Silva, 2012b, pp. 208 e 311.

¹⁴ Intervenção arqueológica dirigida por A. M. Dias Diogo e da qual não existe relatório de escavação. Os dados que se apresentam resultam da participação de uma das signatárias (L.F.) na intervenção arqueológica.

¹⁵ Gomes *et alii*, 2017, pp. 349-365.

¹⁶ Os autores do artigo que descrevem e publicam mais extensamente o mosaico destes contextos referem *opus latericium*. Sobre este assunto, cf. Ginouvès, 1985, p. 100 e Lugli, 1957.

¹⁷ Fernandes, 2011, p. 296. Poder-se-á colocar a questão de tais vestígios poderem ser de cronologias posteriores à última fase da ocupação/transformação do espaço termal. Não obstante, a porção conservada tão diminuta, assim como o desenho e cores em presença, não autorizam qualquer conclusão nesse sentido.

¹⁸ Espaço semicircular destinado ao assento da elite cidadina do teatro.

¹⁹ Foi também por esta razão que se preservou com grande nitidez os negativos deixados na argamassa pelas placas pétreas já não conservadas.

²⁰ Muito provavelmente observado pela primeira vez em 1798 quando se descobre o teatro.

²¹ O *opus signinum* é uma argamassa de revestimento de época romana à base de cal e areia com fragmentos de cerâmica vermelha que tornava as superfícies impermeáveis.

²² Como por exemplo na Casa do Governador da Torre de Belém (Filipe e Fabião, 2010; Filipe, 2017) situada na outra margem do antigo esteiro.

²³ Realizada pelo arqueólogo Vítor Filipe (Filipe e Calado, 2007).

²⁴ Vitruvius, VII, 1.7.; salientar que, neste tratado, as tégulas servem de primeira camada de regularização e impermeabilização sobre as quais se colocaria o pavimento em tijolos colocados em espinha de peixe, ou o “mosaico” de grandes tesselas.

²⁵ Ginouvès e Martin, 1985, pp. 99-100; principalmente nota 122 no mesmo volume.

Referências

- ____ (1892) - *Catalogo do Museu de Archeologia da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*. Lisboa.
- AAVV (1994) - *Lisboa Subterrânea - Catálogo da Exposição*. Lisboa Capital Europeia da Cultura '94 / Museu Nacional de Arqueologia: Electa.
- AAVV (1995) - *Núcleo Arqueológico da Rua dos Correios*. Catálogo da Exposição. Lisboa: Fundação Millenium BCP.
- Abascal Palazón, J. M.; Cebrián Fernández, R.; Trunk M. (2004) - Epigrafia, arquitectura y decoración arquitectónica del foro de Segobriga. In Ramallo Asensio, S., coord. - *La decoración arquitectónica en las ciudades romanas de Occidente. Actas del Congreso Internacional celebrado en Cartagena entre los días 8 y 10 de octubre de 2003*. Murcia: Universidad de Murcia, pp. 219-256.
- Acuña Castroviejo, F. (1974) - Mosaicos romanos de Hispania Citerior. III – Conventus Bracarenensis. Separata de *Studia Archaeologica*. Santiago de Compostela-Valladolid. 31.
- Adam, J. P. (1989) - *La construction romaine*. Paris: Ed. Picard.
- Adam, J. P. (1994) - *L'arte di costruire presso i romani. Materiali e tecniche*. Longanesi & C. Milano.
- Aguarod Otal, C. (1991) - *Cerámica romana importada de cocina en la Tarraconense*. Zaragoza: Institución “Fernando el Católico”.
- Alarcão, J. (1982) - O Teatro romano de Lisboa. In *Actas del Simpósio «El Teatro en la Hispania Romana»*. Badajoz: Institución Cultural Pedro de Valência, pp. 287-301.
- Alarcão, J. (1985) - *Introdução ao estudo da casa romana* (Cadernos de Arqueologia e Arte 4) Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Alarcão, J. (1994) – Lisboa romana e visigótica. In Arruda, A. M., dir. - *Lisboa Subterrânea - Catálogo da Exposição*. Lisboa Capital Europeia da Cultura '94 / Museu Nacional de Arqueologia: Electa, pp. 58-63.
- Alba, M. (2002) - Datos para la reconstrucción diacrónica del paisaje urbano de Emerita: las calles porticadas desde la etapa romana a la visigoda. *Memoria, Excavaciones Arqueológicas en Mérida*. Mérida: Consorcio Monumental de Mérida. 6, pp. 371-396.
- Alexander, M.; Khader, A.; Besrou, S.; Ben Mansour; Soren, D. (1980) - *Corpus des Mosaïques de Tunisie* Tunis: Institut National d'Archéologie et d'Art. II: 1.
- Alexander, M.; Khader, A.; Soren, D.; Spiro, M. (1994) - *Corpus des Mosaïques de Tunisie*. Tunis: Institut National du Patrimoine. II: 1.
- Almeida, F. (1966) - Notícias sobre o teatro de Nero, em Lisboa. In *Actas do IV Colóquio Portuense de Arqueologia (Porto, 4 a 6 de Junho de 1965)*. Lvcerna. Porto. 5, pp. 561-571.
- Almeida, F. (1967) - *História da Igreja em Portugal*. 2.^aed.. Porto: Portucalense Editora. 1.
- Almeida, F. (1972) - Parecer hidrogeológico sobre uma sondagem executada no Largo do Chafariz de Dentro para o Metropolitano de Lisboa. *Revista da Faculdade de Ciências*. Lisboa. 2.^a série. C - Ciências Naturais. XVII: 1, pp. 187-196.
- Álvarez Martínez, J. M. (1990) - *Mosaicos Romanos de Mérida: Nuevos Hallazgos* (Monografías Emeritenses 4). Mérida: Ministerio de Cultura.
- Álvarez Martínez, J. M. (1992) - El templo de Diana. Templos Romanos de Hispânia. *Cuadernos de Arquitectura Romana*. Murcia: Universidade de Murcia. 1, pp. 83-93.
- Alves, I. (2010) - *A Terra Sigillata Hispânica da Praça da Figueira*. Dissertação de Mestrado. Universidade Nova de Lisboa.
- Amaro, C. (1982a) - Casa dos Bicos - Notícia Histórico-Arqueológica. *Revista Arqueologia*. 6, pp. 96-111.
- Amaro, C. (1982b) - Casa dos Bicos - seu historial. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. 0, pp. 15-16.
- Amaro, C. (1983) - XX séculos de Arqueologia e História. In *XVII Exposição de Arte, Ciência e Cultura (Casa dos Bicos)*. Lisboa.
- Amaro, C. (1994) - A Indústria Conserveira na Lisboa Romana. In Arruda, A. M., dir. - *Lisboa Subterrânea - Catálogo da Exposição*. Lisboa Capital Europeia da Cultura '94 / Museu Nacional de Arqueologia: Electa, pp. 76-79.
- Amaro, C. (1995) - Urbanismo tardo-romano no Claustro da Sé de Lisboa. *IV Reunio De Arqueologia Cristiana Hispanica* (28 Setembro a 2 Outubro, 1992 Lisboa). Barcelona: Universitat de Barcelona, pp. 337-342.
- Amaro, C.; Caetano, M. T. (1994) - Breve Nota sobre o Complexo Fabril Romano da Rua Augusta (Lisboa). *Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 32/33, pp. 283-294.
- Amaro, C.; Gonçalves, C. (2016) – The Roman Figlina at Garrocheira (Benavente, Portugal) in the Early Empire. In Pinto, I. V.; Almeida, R.; Martin, A., eds. - *Lusitanian Amphorae: Production and distribution*. Roman and Late Antique Mediterranean Pottery. 10, pp. 47-58.
- Amaro, C.; Manso, C.; Sepúlveda, E. (2013) - Complexo industrial romano de preparados de peixe da Baixa. Sua abordagem a partir de dois novos equipamentos. In Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C., eds. - *Arqueologia em Portugal. 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 755-763.
- Amaro, C.; Sepúlveda, E. (2017) - A Presença da ocupação romana no Aljube de Lisboa. In *I.º Encontro de Arqueologia de Lisboa* (Teatro Aberto, 25-28 novembro, 2015). Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, pp. 272-284.

- Andreu Pintado, F. J. (2004) - *Munificencia pública en la Provincia Lusitania (siglos I-IV d. C.)*. Zaragoza: Institución «Fernando el Católico» (C.S.I.C.).
- Angiolillo, S. (1981) - *Mosaici Antichi in Italia. Sardinia*. Roma: Consiglio Nazionale delle Ricerche.
- Antunes, M. T.; Cunha, A. S. (1991) - *Santos Mártires de Lisboa. Espólio osteológico de Santos-o-Novo*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- Arce, J. (2002) - *Mérida tardorromana (300-580)*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano.
- AZEVEDO, L. A. (2017) - *Dissertação Crítico-Filológico-Histórica sobre o verdadeiro anno, manifestas causas, e attendíveis circumstancias da erecção do Tablado e Orquestra do antigo Theatro Romano, descoberto na excavação da Rua de São Mamede perto do Castelo desta Cidade, com a intelligencia da sua Inscricção em honra de Nero, e noticia instructiva d'outras Memorias alli mesmo achadas, e até agora aparecidas. Lisboa, fevereiro de 1807*. Prefácio de Lúcia Fernandes em edição fac-similada a partir do original de 1815. Lisboa: Museu de Lisboa - Teatro Romano / Apenas Livros, pp.i-xi.
- Barbosa, I. V. (1864) - Fragmentos de um roteiro de Lisboa (inérito). Arrabalde de Lisboa. Chelas, Charneca e Camarate. *Archivo Pittresco*. Lisboa. 7, pp. 374-376 e 379-382.
- Barceló, C. (2013) - Lisboa y Almanzor (374H. / 985 d.C.). *Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 52, pp. 165-194.
- Barrera Antón, J. L. (2000) - La decoración arquitectónica de los Foros de Augusta Emerita. *Biblioteca Archaeologica*. 25. Roma.
- Barrera Antón, J. L. (2014) - Mérida Augustea. *Augusto y Emerita*. Museo Nacional de Arte Romano. Bimilenario Augusto, pp. 47-62.
- Barrera Antón, J. L. (2018) - Estudios sobre la *Scenae Frons* del teatro Romano de Mérida. In Mateos Cruz, P., ed. - *La Scenae Frons del Teatro Romano de Mérida. Anejos de Archivo Español de Arqueología*. Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida. LXXXVI, pp. 125-153.
- Barroca, M. J. (2000) - *Epigrafia medieval portuguesa (862-1422)*. 4 vols. Lisboa: F.C.G e F.C.T.
- Batalha, L.; Pinheiro, H.; Santos, R. (no prelo) - O Peristilo de uma casa romana no n.º 16 da Rua dos Bacalhoeiros. *X Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular* (Zafra, 9-11 novembro 2018).
- Becatti, G. (1961) - *Scavi di Ostia. Mosaici e Pavimenti Marmorei*. Vol. IV (2 tomos). Roma: Istituto Poligrafico dello Stato, Libreria dello Stato.
- Beltrán Fortes, J. (1990) - Mausoleos romanos en forma de altar del sur de la Península Ibérica. *Archivo Español de Arqueología*. Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida. 63, pp. 183-226.
- Beltrán Fortes, J. (2004) - *Monumenta Sepulcrales* en forma de altar con *pulvinus* de los territorios hispanorromanos: revisión de materiales y estado de la cuestión. *Archivo Español de Arqueología*. Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida. 77, pp. 101-141.
- Bem, T. C. (1755) - *Carta do Padre D. Thomaz Caietano de Bem, Clerigo Regular, a hum seu amigo Ácerca de huns monumentos romanos descobertos no sitio das Pedras Negras*. Apêndice à obra de Oliveira, C. R.: *Summario, em que brevemente se contem algumas cousas assim Ecclesiasticas, como Seculares, que há na Cidade de Lisboa*. Lisboa: na Oficina de Manuel Rodrigues, pp. 153-177.
- Blake, M. E. (1930) - *The Pavements of the Roman Buildings of the Republic and Early Empire*. In *Memoirs of the American Academy in Rome*. Bergamo: American Academy in Rome, Istituto Italiano d'Arti Grafiche. VIII.
- Blanco Freijeiro, A. (1978a) - *Corpus de Mosaicos Romanos de España*. Madrid: Instituto Español de Arqueología "Rodrigo Caro". I.
- Blanco Freijeiro, A. (1978b) - *Corpus de Mosaicos Romanos de España*, Madrid: Instituto Español de Arqueología "Rodrigo Caro". II.
- Blázquez Martínez, J. M. (1981) - *Corpus de Mosaicos de España*. Madrid: Instituto Español de Arqueología "Rodrigo Caro". III.
- Blázquez Martínez, J. M. (1982) - *Corpus de Mosaicos de España*. Madrid: Instituto Español de Arqueología "Rodrigo Caro". IV.
- Blázquez Martínez, J. M.; López Monteagudo, G.; Neira Jimenez, M. L.; San Nicolas Pedraz, M. P. (1989) - *Corpus de Mosaicos de España*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas. VIII.
- Blázquez Martínez, J. M.; Mezquiriz, M. A. (com a colaboração de Neira, M. L e Nieto, M.) (1985) - *Corpus de Mosaicos de España*. Madrid: Instituto Español de Arqueología del Consejo Superior de Investigaciones Científicas. VII.
- Bonifay, M. (2004) - Études sur la céramique romaine tardive d'Afrique. Oxford: BAR International Series. 1301.
- Bonneville, J.-N. (1980) - Le monument épigraphique et ses moulurations. *Faventia*. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona. 2: 2, pp. 75-98.
- Braga, P.; Gimbra, A. (2017) - *Relatório dos Trabalhos de Conservação e Restauro. Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros. Conservação e Restauro do Mosaico, Termas Romanas e Forno de Época Contemporânea*. Lisboa: ERA, Arqueologia, S.A. Documento policopiado.
- Branco, F. C. (1961) - Problemas da Lisboa Romana. Vestígios de um cais ou de uma necrópole? *Revista Municipal*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. 91, pp. 61-75.
- Brazuna, S. (2005) - *Relatório de Trabalhos Arqueológicos - Minimização de Impactes, Lisboa, Rua da Saudade, n.º 2 (Lisboa)*. Lisboa: Era-Arqueologia S.A.
- Bugalhão, J. (2001) - *A indústria romana de transformação e conserva de peixe em Olisipo. Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros* (Trabalhos de Arqueologia 15). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- Bugalhão, J. (2003) - Mandarim Chinês, Lisboa - Contextos romanos. In *Actas do Quarto Encontro de Arqueologia Urbana*. Amadora: Museu Municipal de Arqueologia da Amadora, pp. 227-146.
- Bugalhão, J. (2009) - *Núcleo arqueológico da Rua dos Correeiros*. Lisboa: Ed. Fundação Millennium BCP.

- Bugalhão, J. (2017) - O eixo viário ocidental de *Olisipo*. In Fernandes, L.; Bugalhão, J.; Fernandes, P. A., coords. - *Debaixo dos Nossos Pés. Pavimentos históricos de Lisboa*. Lisboa: Museu de Lisboa, pp. 120-123.
- Bugalhão, J.; Arruda, A.; Sousa, E.; Duarte, C. (2013) - Uma necrópole na praia: O cemitério romano do núcleo arqueológico da Rua dos Correeiros. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direção-Geral do Património Cultural. 16, pp. 243-275.
- Bugalhão, J.; Nunes, A.; Gomes, A. S.; Grilo, C.; Fernandes, L.; Fernandes, I.; Cachão, M.; Costa, A. M.; Freitas, M. C.; Gabriel, S.; Currás, A. (no prelo) - Mosaico romano do NARC, Lisboa: estrutura construtiva, materiais e estratigrafia. In *II Encontro de Arqueologia de Lisboa, Teatro Aberto, 22 - 24 de Março de 2018*. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa / Câmara Municipal de Lisboa.
- Bustamante Álvarez, M. (2011a) - *La cerámica romana en Augusta Emerita en la época Altoimperial: entre el consumo y la exportación*. Mérida: Asamblea de Extremadura.
- Bustamante Álvarez, M. (2011b) - Nuevas consideraciones cronológicas en torno a la producción de paredes finas emeritenses. *Zephyrus*. Salamanca: Universidade de Salamanca. LXVII, pp. 161-170.
- Cabaço, N.; Sarrazola, A.; Silva, R. B.; Carvalho, L. M. (2017) - O espaço de necrópole romana das Portas de Santo Antão, Lisboa. In Arnaud, J. M.; Martins, A., eds. - *Arqueologia em Portugal / 2017 - Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1243-1254.
- Caessa, A.; Nozes, C.; Mota, N. (2016) - Novas descobertas no criptopórtico romano de Lisboa - Rua da Conceição, 75-77 (Santa Maria Maior) - 1.ª Fase. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II série. 20, pp. 220-221.
- Caetano, M. T. (no prelo) - *Mosaico de Afrodite - Eurostars Museum Hotel Lisboa (Antigos Armazéns Sommer)*.
- Caetano, M. T. (1997) - *Musivária Olisiponense. Estudo dos Mosaicos Romanos de Olisipo e da "Zona W" do Ager*. Dissertação Final de Mestrado em História da Arte. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- Caetano, M. T. (2001) - Mosaicos Romanos de Lisboa - A Baixa Pombalina. *Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 40, pp. 65-82.
- Caetano, M. T. (2006) - Mosaicos de *Felicitas Iulia Olisipo* e do seu Ager. *Revista de História da Arte*. Lisboa: Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. 2, pp. 23-35.
- Caetano, M. T. (2007) - O Último porto de Ulisses: história, urbanismo e arte de *Felicitas Iulia Olisipo*. *Revista de História da Arte*. Lisboa: Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. 2, pp. 55-117.
- Caetano, M. T. (2011) - Mosaicos da Finisterra Ocidental - a *Villa* de Santo André de Almoçageme. In *X Colóquio Internacional para o Estudo do Mosaico Antigo (AIE-MA)*. Conímbriga: Instituto de Museus e da Conservação/Museu Monográfico de Conímbriga, pp. 873-887.
- Caetano, M. T. (2014) - A "proto-indústria" do mosaico romano. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direção-Geral do Património Cultural. 17, pp. 207-219.
- Caetano, M. T. (2017) - "Pontilhismo e descontinuidade": os mosaicos pavimentais romanos de *Felicitas Iulia Olisipo*. In Fernandes, L.; Bugalhão, J.; Fernandes, P. A., coords. - *Debaixo dos nossos pés. Pavimentos históricos de Lisboa*. Lisboa: Museu de Lisboa, pp. 112-115.
- Calvino, I. (1996) - *As Cidades Invisíveis*. 2.ª Edição. Editorial Teorema.
- Cardoso, G. (2013) - Cerâmicas de imitação de *sigillata* tardia das *villae* de Freiria e de Sub-Serra de Castanheira do Ribatejo. *Ex Officina Hispana. Cuadernos de la Secah*. I, pp. 191-204.
- Carlos Márquez (1993) - *Capiteles Romanos de Corduba Colonia Patricia*. Córdoba.
- Carlos Márquez (1998) - *La decoración Architectónica de Colonia Patricia - una aproximación a la arquitectura y urbanismo de la Córdoba Romana*. Córdoba: Obra Social y Cultural Cajasur.
- Carneiro, A.; Sepúlveda, E. (2004) - *Terra sigillata* hispânica tardia do concelho de Fronteira: exemplares recolhidos entre 1999 e 2003. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 7: 1, pp. 435-458.
- Carvalhinhos, M.; Mota, N.; Miranda, P. (2017) - Indagações arqueológicas na muralha antiga de Lisboa: o lanço oriental entre a Alcáçova do Castelo e o Miradouro de Santa Luzia (Santa Maria Maior, Lisboa). In Caessa, A.; Nozes, C.; Cameira, I.; Silva, R., coord. - *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: uma cidade em escavação (Teatro Aberto, 26, 27 e 28 de Nov. de 2015)*. Lisboa: CAL/DPC/DMC/CML, pp. 298-336.
- Carvalho, A.; Freire, J. (2011) - Cascais y la Ruta del Atlántico. El establecimiento de un puerto de abrigo en la costa de Cascais. Una primera propuesta. In Nogales Basarrate, T.; Rodà, I., eds. - *Roma y las provincias: modelo y difusión Hispania Antigua* (Serie Arqueológica 3). Roma: L'Erma di Bretschneider. II, pp. 727-735.
- Castilho, J. (1937) - *Lisboa Antiga. Bairros Orientais*. 2.ª edição. Lisboa: Câmara Municipal. X, pp. 25-26.
- Castilho, J. (1939) - *Lisboa Antiga. Bairros Orientais*. Lisboa: Câmara Municipal. I.
- Choisy, A. (1909) - *Traduction commentée et illustrée de dix livres*. Paris: Lahure.
- Coelho, A. B. (2008) - *Portugal na Espanha Árabe*. 3.ª Edição, revista. Lisboa: Editorial Caminho.
- Coelho, C. (2002) - Estudo preliminar da pedreira romana e outros vestígios identificados no sítio arqueológico de Colaride. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 5: 2, pp. 277-323.
- Correia, V. H.; Man, A.; Reis, M. P. (2011) - A propósito de uma obra recente sobre o período tardo-antigo e medieval em Conímbriga. *Conimbriga*. Coimbra: Centro de Arqueologia da Universidade de Coimbra. 50, pp. 127-146.

- Costa, F. B.; Carvalho, P. S., eds. (2017) - *31 Cordon Lisboa. Um edifício com história*. Lisboa: Eon - Indústrias Criativas.
- Cruz Villalón, M. (1985) - *Mérida visigoda. La escultura arquitectónica y litúrgica*. Badajoz.
- Cunha, R. (1642) - *Historia ecclesiastica da Igreja de Lisboa*. Lisboa: Manoel da Sylva.
- Dias, M. I.; Trindade, J.; Fabião, C.; Sabrosa, A.; Bugalhão, J.; Raposo, J.; Guerra, A.; Duarte, A.; Prudêncio, M. I. (2012) - Arqueometria e o estudo das ânforas lusitanas: o caso do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros, (Lisboa) e de centros produtores do Tejo. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. 19, pp. 57-70.
- Dias, M. M. A.; Gaspar, C. (2006) - *Catálogo das inscrições paleocristãs do território português*. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Diogo, A. M. D.; Sepúlveda, E. (2000) - As lucernas das escavações de 1989/1993 do teatro romano de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 3: 1, pp. 153-161.
- Diogo, A. M. D. (1987) - Quadro tipológico das ânforas de fabrico lusitano. *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia. Série 4. 5, pp. 179-191.
- Diogo, A. M. D. (1993) - O teatro romano de Lisboa. Notícia sobre as actuais escavações. *Teatros Romanos de Hispânia. Cuadernos de Arquitectura Romana*. Múrcia: Universidade de Múrcia. 2, pp. 217-224.
- Diogo, A. M. D. (1994a) - A Península de Lisboa entre o Norte atlântico e o Oriente mediterrânico - Fragmento de sepultura paleocristã. In Arruda, A. M., dir. - *Lisboa Subterrânea - Catálogo da Exposição*. Lisboa Capital Europeia da Cultura '94 / Museu Nacional de Arqueologia: Electa, p. 232.
- Diogo, A. M. D. (1994b) - Fragmento de sepultura paleocristã (entrada de catálogo). In Arruda, A. M., dir. - *Lisboa Subterrânea - Catálogo da Exposição*. Lisboa Capital Europeia da Cultura '94 / Museu Nacional de Arqueologia: Electa, pp. 231-232.
- Diogo, A. M. D. (2000) - As ânforas das escavações de 1989/93 do Teatro Romano de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 3: 1, pp. 163-179.
- Diogo, A. M. D.; Trindade, L. (1999) - 275 - Homenagem a L. Cornelius Bocchus encontrada nas Termas dos Cássios, Lisboa. *Ficheiro Epigráfico*. Coimbra: Universidade de Coimbra. 60.
- Diogo, A. M. D.; Trindade, L. (2000) - Vestígios de uma unidade de transformação do pescado descobertos na Rua dos Fanqueiros, em Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 3: 1, pp. 181-205.
- Duarte, A.; Santos, V. (2003) - A Barreira do Circo de Olisipo. *Actas do 4.º Encontro de Arqueologia Urbana*. Amadora: Câmara Municipal da Amadora, pp. 177-186.
- Duby, G. (1980) - *Histoire de la France urbaine*. Paris: Ed. Seuil.
- Duliere, C. (1974) - *Corpus des Mosaiques de Tunisie*. Tunis: Institut National d'Archéologie et d'Art: I. 2..
- Durán Cabello, R.-M. (2004) - *El Teatro y Anfiteatro de Augusta Emerita - Contribución al conocimiento histórico de la capital de Lusitania*. Oxford: BAR International Series. 1207.
- Encarnação, J. (1973) - *Jornal da Costa do Sol*. Ano X, n.º 489, 1 de setembro.
- Encarnação, J. (2009) - As termas dos Cássios em Lisboa: ficção ou realidade. *Lusitânia Romana entre o Mito e a Realidade. Actas da VI Mesa-Redonda Internacional sobre a Lusitânia Romana*. Cascais, pp. 481-493.
- Encarnação, J. (2011) - Da onomástica grega na Lusitânia romana. In Tacla, A. B., org. - *Uma trajetória na Grécia antiga. Homenagem a Neyde Theml*. Rio de Janeiro, pp. 301-312.
- Endovélico, Sistema de Informação e Gestão Arqueológica [em linha]. [Consult. Nov. 2019]. Disponível em WWW: (URL: <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios>).
- Fabião, C. (1994) - O monumento romano da Rua da Prata. In Arruda, A. M., dir. - *Lisboa Subterrânea - Catálogo da Exposição*. Lisboa Capital Europeia da Cultura '94 / Museu Nacional de Arqueologia: Electa, pp. 67-69.
- Fabião, C. (2004) - Centros oleiros da Lusitânia: balanço dos conhecimentos e perspectivas de investigação. In Bernal Casasola, D.; Lagóstena Barrios, L., eds. - *Figlinae Baeticae. Talleres alfareros y producciones cerámicas en la Bética romana (ss. II a.C. - VII d.C.): actas del Congreso Internacional, Cádiz, 12-14 de noviembre de 2003*. Oxford: BAR International Series. 1266, pp. 379-410.
- Fabião, C. (2009) - O Ocidente da Península Ibérica no século VI: sobre o *pentanummius* de Justiniano I encontrado na unidade de produção de preparados de peixe da Casa do Governador da Torre de Belém, Lisboa. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa: Era, Arqueologia. 4, pp. 25-50.
- Fabião, C. (2010) - Modelos forenses nas cidades da Lusitânia: Balanço e perspectiva. In Nogales Basarrate, T., ed. - *Cuidad y Foro en Lusitanea Romana*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano, pp. 343-359.
- Fabião, C. (2013) - Escavando entre papéis: sobre a descoberta, primeiros desaterros e destino das ruínas do teatro romano de Lisboa. In Pimentel, M. C.; Alberto, P. F., eds. - *Vir bonus peritissimus aequae. Estudos de homenagem a Arnaldo do Espírito Santo*. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Lisboa, pp. 389-409.
- Faria, A. (2001) - *Pax Iulia, Felicitas Iulia, Liberalitas Iulia*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 4: 2, pp. 351-362.
- Fauquet, F. (2016) - Le cirque romain. Essai de theorization de sa forme et ses fonctions. Dissertação de Doutoramento. Disponível em WWW: (URL: <https://hal.archives-ouvertes.fr/tel-01264141/document>).
- Fernandes, L. (no prelo) - *El post scaenium* del teatro romano de Felicitas Iulia Olisipo / Lisboa. In *Actas del Symposium Internacional La porticus post scaenam en la arquitectura teatral romana (Cartagena, 19 y 20 de octubre de 2018)*.
- Fernandes, L. (1996) - Sobre um Capitel de ara do Palácio Fronteira. In *Miscellanea de Homenagem ao Professor Bairrão Oleiro*. Lisboa: Colibri, pp. 170-188.

- Fernandes, L. (1997) - *Capitéis Romanos da Lusitânia Ocidental*. Dissertação de Mestrado. Departamento de História de Arte / Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Documento policopiado.
- Fernandes, L. (1998) - Elementos arquitectónicos de época romana do concelho de Loures. *Da Vida e da Morte: os Romanos em Loures*. Loures: Museu Municipal. pp. 93-105.
- Fernandes, L. (1999) - Elementos arquitectónicos de época romana da Casa dos Bicos - Lisboa. *Conímbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 38, pp. 113-135.
- Fernandes, L. (2001) - Capitéis do Teatro Romano de Lisboa. *Anais - Revista del Museo Nacional de Arte Romano*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano. 14, pp. 29-51.
- Fernandes, L. (2002) - Sobre dois capitéis de Lisboa. *Conímbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 41, pp. 237-256.
- Fernandes, L. (2004) - Decoração arquitectónica da villa romana de Frielas. In *Arqueologia como documento*. Loures: Museu Municipal, pp. 21-36.
- Fernandes, L. (2004-2005) - As bases de coluna nos desenhos dos séculos XVIII e XIX do Teatro romano de Lisboa. *Revista Arqueologia e História*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. 56-57, pp. 83-94.
- Fernandes, L. (2005) - *Relatório Final da Intervenção Arqueológica da Desmontagem de Muro Sobreposto às bancadas do Teatro Romano*. Intervenção de 2004. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, Divisão de Museus e palácios - Museu da Cidade. Relatório entregue ao Instituto Português de Arqueologia. Documento policopiado.
- Fernandes, L. (2006) - O Teatro de Lisboa - intervenção arqueológica de 2001. In *III Jornadas Cordobesas de Arqueologia Andaluza - Los Teatros Romanos de Hispânia* (Córdoba, 12-15 novembro 2002). Córdoba, pp. 181-204.
- Fernandes, L. (2007a) - A decoração de época romana do *municipium Olisiponense*: a propósito de alguns elementos arquitectónicos da Praça da Figueira (Lisboa). *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. Série 4. 25, pp. 291-336.
- Fernandes, L. (2007b) - Teatro romano de Lisboa - os caminhos da descoberta e os percursos da investigação arqueológica. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II série. 15, pp. 27-39.
- Fernandes, L. (2009) - Capitel das *Thermæ Cassiorum* de *Olisipo* (Rua das Pedras Negras, Lisboa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico. 12: 2, pp. 191-207.
- Fernandes, L. (2011) - A decoração arquitectónica de *Felicitas Iulia Olisipo*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico. 14, pp. 263-311.
- Fernandes, L. (2012) - A decoração arquitectónica de época romana: aspectos de centralidade / descentralidade na região ocidental da província da Lusitânia. *Cira Arqueologia Online. Actas da Mesa Redonda de Olisipo a Ierabriga* (Vila Franca de Xira, 31 de Outubro 2008). Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. I, pp. 131-148.
- Fernandes, L. (2013) - Teatro Romano de *Olisipo*: a marca do novo poder romano. In Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C., eds. - *Arqueologia em Portugal. 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 765-773.
- Fernandes, L. (2014a) - The production of architectural elements in the city of *Felicitas Iulia Olisipo* (Lisbon): the capitals. In Álvarez Martínez, J. M.; Nogales Besarrate, T.; Rodà de Llanza, I., eds. - *XVIII CIAC: Centro y periferia en el mundo clásico/ Centre and periphery in the ancient world*. Mérida, pp. 1435-1437.
- Fernandes, L. (2014b) - Capitéis de São Miguel de Odrinhas: sobre a decoração arquitectónica em época romana. *Tritão - Revista de História, Arte e Património* [em linha]. Sintra: Câmara Municipal de Sintra. 2, pp. 1-33. Disponível em WWW: (URL:revistatritao.cm-sintra.pt).
- Fernandes, L. (2016) - *Viagem ao Passado Romano da Lusitânia*. Lisboa: Esfera dos livros.
- Fernandes, L. (2017a) - Aspectos construtivos do teatro romano de Lisboa: matérias primas e técnicas edificativas. In Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C., eds. - *Arqueologia em Portugal. 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1265-1278.
- Fernandes, L. (2017b) - Museu de Lisboa - Teatro Romano: um museu e um monumento romano na cidade. In Caessa, A.; Nozes, C.; Cameira, I.; Silva, R., coord. - *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: uma cidade em escavação (Teatro Aberto, 26, 27 e 28 de Nov. de 2015)*. Lisboa: CAL/DPC/DMC/CML, pp. 193-211.
- Fernandes, L. (2017c) - Soluções de pavimentação no teatro romano de Lisboa. In Fernandes, L.; Bugalhão, J.; Fernandes, P. A., coords. - *Debaixo dos Nossos Pés. Pavimentos históricos de Lisboa*. Lisboa: Museu de Lisboa, pp. 100-103.
- Fernandes, L. (2018) - O teatro romano de Lisboa e a utilização da água como recurso decorativo de encenação de poder. *Aqva sobre Água*. Catálogo da exposição, Museu de Lisboa - Teatro Romano, 29 setembro 2018 - 20 janeiro 2019. Lisboa: EGEAC, EM / Museu de Lisboa - Teatro Romano, pp. 24-39.
- Fernandes, L. (2020) - *El post scaenium* del teatro romano de *Felicitas Iulia Olisipo / Lisboa*. Ramallo Asensio, S. F., Ruiz Valderas, E., edfs. cient. - *La porticus post scaenam en la Arquitectura Teatral Romana* (Cartagena, 19-20 de octubre de 2018). *Actas del Symposium Internacional*. Murcia: Universidad de Murcia, Fundación Teatro Romano de Cartagena, pp.231-240
- Fernandes, L. (2019) - *Caius Heius Primus*. Formas de poder na elite de *Felicitas Iulia Olisipo*. In Caessa, A.; Campos, R., coords. - *Lisboa Romana - Felicitas Iulia Olisipo. Os Monumentos Epigráficos*. Lisboa: Caleidoscópio, pp. 86-99.
- Fernandes, L.; Almeida, R. F. (2012) - Um Celeiro da Mitra no Teatro Romano de Lisboa: inércias e mutações de um espaço do século XVI à actualidade. In Teixeira, A.; Bettencourt, J., eds. - *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna. 1. ArqueoArte. 1*. Lisboa: CHAM-FCSH-UNL/UAç, pp. 111-122.

- Fernandes, L.; Almeida, R. F.; Loureiro, C. (2014) - Entre o teatro romano e a Sé de Lisboa: evolução urbanística e marcos arquitectónicos da antiguidade à reconstrução pombalina. *Revista de História de Arte*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. 11, pp. 19-33.
- Fernandes, L.; Cachão, M.; Fernandes, I.; Pimentel, N.; Ribeiro, M. A. (2019) - Elementos arquitetónicos do Teatro Romano de Lisboa / *Olisipo*: sobre o emprego de estuque e da pedra. *Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 58, pp. 149-191.
- Fernandes, L.; Caessa, A. (2006-2007) - O *proscenium* do Teatro romano de Lisboa: aspectos arquitectónicos, escultóricos e epigráficos da renovação decorativa do espaço cénico. *Revista Arqueologia e História*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. 58/59, pp. 83-102.
- Fernandes, L.; Calado, M.; Grilo, C. (no prelo) - Contextos tardios no teatro romano de lisboa: reconversão de espaços monumentais. In *Encontro Internacional – A Península Ibérica entre os séculos V-X – continuidade, tradição e mudança* (Museu Arqueológico do Carmo, 21-23 março 2019).
- Fernandes, L.; Coroado, J. (2018) - A construção do teatro de *Olisipo*: o estudo das argamassas e a engenharia do monumento romano. *História Antiga: relações Interdisciplinares, Paisagens Urbanas, Rurais & Sociais*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 97-120.
- Fernandes, L.; Coroado, J.; Calado, M.; Costantino, C. (2015) - Ocupação medieval islâmica no Museu de Lisboa - Teatro Romano: o caso do aproveitamento do *post scænium* no decurso do século XII. In *Actas do X Congresso Internacional A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo*. (Silves, Mértola, 22 a 27 de outubro de 2012). Silves, Mértola: Câmara Municipal de Silves, Campo Arqueológico de Mértola, pp. 509-518.
- Fernandes, L.; Fernandes, P. A. (2014) - Entre a Antiguidade Tardia e a Época Visigótica: novos dados sobre a decoração arquitectónica na cidade de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direcção-Geral do Património Cultural. 17, pp. 225-243.
- Fernandes, L.; Filipe, V. (2007) - Cerâmicas de engobe vermelho pompeiano do teatro romano de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico. 10: 2, pp. 229-253.
- Fernandes, L.; Grilo, C. (2019) - Um Templo Romano Junto ao Teatro de *Felicitas Iulia Olisipo* / Lisboa? *Al-Madan*, Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II série. 22, pp. 16-22.
- Fernandes, L.; Leitão, M. (2016) - *Relatório Final. Intervenção Arqueológica no Monumento Romano da Rua da Prata Lisboa - Outubro de 1995 e Maio de 1996*. Relatório entregue à DGPC. Lisboa. Documento policopiado.
- Fernandes, L.; Loureiro, C. C. (no prelo) - As antiguidades romanas em Júlio de Castilho: os casos particulares do teatro e das termas dos Cássios. In *“Júlio de Castilho (1840-1919). Sessão evocativa no centenário da sua morte. 11 de fevereiro de 2019*. *Revista Arqueologia e História*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- Fernandes, L.; Loureiro, C.; Brazuna, S.; Sarrazola, A.; Prata, S. (2015) - Paisagem urbana de *Olisipo*: fatias da história de uma cidade. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direcção-Geral do Património Cultural. 18, pp. 203-224.
- Fernandes, L.; Marques, A.; Filipe, V.; Calado, M. (2011) - A transformação de produtos piscícolas durante a Época Romana em *Olisipo*: o núcleo da Rua dos Bacalhoeiros (Lisboa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico. 14, pp. 239-261.
- Fernandes, L.; Nogales Basarrate, T. (2018) - Teatro Romano de *Olisipo*: programas decorativos teatrais de *Lusitania*. In *Escultura Romana en Hispania (Actas de la VIII Reunión Internacional de Escultura Romana en Hispania – Universidad de Córdoba y Baena 5-8 octubre de 2016)*. Córdoba: Editorial Universidad de Córdoba, pp. 432-455.
- Fernandes, L.; Pimenta, J.; Calado, M.; Filipe, V. (2013) - Ocupação sidérica na área envolvente do Teatro Romano de Lisboa: O Pátio do Aljube. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direcção-Geral do Património Cultural. 15, pp. 167-185.
- Fernandes, L.; Sales, P. (2005) - Projecto Teatro Romano, Lisboa – a reconstituição virtual. *Revista Arquitectura e Vida*. Lisboa. 57, pp. 28-32.
- Fernandes, L.; Sepúlveda, E.; Antunes, M. (2012) - Teatro Romano de Lisboa: sondagem arqueológica a sul do monumento e o urbanismo de *Olisipo*. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II série. 17, pp. 44-55.
- Fernandes, P. A. (no prelo) - *Olisipona*: a cidade entre a Antiguidade Tardia e a Alta Idade Média. *Nova Lisboa Medieval*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais.
- Fernandes, P. A. (2018) - Sinais de vitalidade cristã sob domínio islâmico: a diocese moçárabe. In Fontes, J. L. I., dir. - *Bispos e Arcebispos de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte, pp. 61-84.
- Fernandes, P. A. (2020) - O fim de um tempo; o princípio de outro. *Felicitas Iulia Olisipo* entre romanos, bárbaros e cristãos. In Cachão, M.; Freitas, M. C.; Guerra, A., coords. - *Lisboa Romana. Felicitas Iulia Olisipo. O território e a memória*. Lisboa: Caleidoscópio, pp. 140-149.
- Fernández, A.; Morais, R. (2012) - *Terra sigillata* Bracarense Tardia (TSBT). In Bernal Casasola, D.; Ribera i Lacomba, A., eds. - *Cerámicas Hispanorromanas II. Producciones Regionales*. Cádiz: Universidad de Cádiz, pp. 132-174.
- Ficcardori, G. (1983) - Note storiche ai mosaici di Lin (Albania). In *III Colloquio Internazionale sul Mosaico Antico (Ravenna 6-10 Settembre 1980)*, Ravenna. I, pp. 185-196.
- Figueiredo, B. (1889) - As termas dos Cassios, em Lisboa. *Revista Archeologica Lisboa*. 3, pp. 149-154.
- Filipe, I. (2017) - Casa do governador da Torre de Belém: uma fábrica de preparados de peixe de época romana na periferia de *Olisipo*. In Fernandes, L.; Bugalhão, J.; Fernandes, P.

- A., coords. - *Debaixo dos Nossos Pés. Pavimentos históricos de Lisboa*. Lisboa: Museu de Lisboa, pp. 118-119.
- Filipe, I.; Fabião, C. (2006-2007) - Uma unidade de produção de preparados de peixe de época romana na Casa do governador da Torre de Belém: uma primeira apresentação. *Revista Arqueologia e História*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 58/59, pp. 103-118.
- Filipe, V. (2005) - Projecto de Alteração e Ampliação do Conjunto Edificado situado na Rua de São João da Praça (n.ºs 28-30) e Beco do Marquês de Angeja. *Relatório Final da Intervenção Arqueológica*. Documento policopiado.
- Filipe, V. (2008) - Importação e exportação de produtos alimentares em *Olisipo*: as ânforas romanas da Rua dos Bacalhoeiros. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico. 11: 2, pp. 301-324.
- Filipe, V. (2019) - *Olisipo, o grande porto romano da fachada atlântica. Economia e comércio entre a República e o Principado*. Dissertação de Doutoramento em História, na especialidade de Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Documento policopiado.
- Filipe, V.; Calado, M. (2007) - Ocupação romana no Beco do Marquês de Angeja, Alfama: evidências de estruturas termais junto da porta nascente de *Olisipo*. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II série. 15. Adenda electrónica. IX, pp. 1-10.
- Filipe, V.; Quaresma, J.C.; Leitão, M.; Almeida, R. (2016) - Produção, consumo e comércio de alimentos entre os séculos II e III d.C. em *Olisipo*: os contextos romanos da Casa dos Bicos, Lisboa (intervenção de 2010). In Járrega, R.; Berni Millet, P., eds. - *Amphoræ ex Hispania: paisajes de producción y consumo* (Monografías Ex Officina Hispana III). Tarragona: Instituto Catalán de Arqueología Clásica (ICAC/SECAH), pp. 423-445.
- Filipe, V.; Santos, R. (2017) - As termas romanas às portas de Alfama. In Caessa, A.; Nozes, C.; Cameira, I.; Silva, R., eds. - *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: uma cidade em escavação (Teatro Aberto, 26, 27 e 28 de Nov. de 2015)*. Lisboa: CAL/DPC/DMC/CML, pp. 247-253.
- Fontes, L.; Lemos, F. S.; Cruz, M. (1997-98) - «Mais velho» que a Sé de Braga. Intervenção arqueológica na catedral bracarense: notícia preliminar. *Cadernos de Arqueologia*. Braga: Universidade do Minho. Serie II. 14-15, pp. 137-164.
- Fortes, M. L. S. (2009) - *A xestión da auga na paisaxe romana do occidente peninsular*. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Santiago de Compostela.
- García y Bellido, A. (1990) - *Arte Romano*. 4.ª ed. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- Gaspar, A.; Gomes, A. (2007) - As Muralhas de *Olisipo*: troço junto ao Tejo. In Rodríguez Colmenero, A.; Rodá Dellanza, I., eds. - *Murallas de ciudades romanas en el occidente del Imperio. Lucus Augusti como paradigma: actas del Congreso Internacional celebrado en Lugo (26-29, XI, 2005) en el V aniversario de la declaración, por la UNESCO, de la muralla de Lugo como Patrimonio de la Humanidad*. Lugo: Museu Provincial, pp. 685-698.
- Gaspar, A.; Gomes, A. (2017a) - O espaço público de época romana dos Armazéns Sommer. In Fernandes, L.; Bugalhão, J.; Fernandes, P. A., coords. - *Debaixo dos Nossos Pés. Pavimentos históricos de Lisboa*. Lisboa: Museu de Lisboa, pp. 104-105.
- Gaspar, A.; Gomes, A. (2017b) - Pavimentos do espaço público de época romana da Sé de Lisboa. In Fernandes, L.; Bugalhão, J.; Fernandes, P. A., coords. - *Debaixo dos Nossos Pés. Pavimentos históricos de Lisboa*. Lisboa: Museu de Lisboa, pp. 116-117.
- Ginouvès, R.; Martin, R. (1985) - *Dictionnaire méthodique de l'architecture grecque et romaine*. Roma: École Française de Rome. I.
- Giuliani, C. F. (1993) - *Ledilizia nell'antichità*. Urbino: NIS.
- Gomes, A. (2004) - *Armazéns Sommer. Relatório das Escavações Arqueológicas*. Lisboa. Documento policopiado.
- Gomes, A. (2005) - *Armazéns Sommer. Relatório das Escavações Arqueológicas*. Lisboa. Documento policopiado.
- Gomes, A.; Gaspar, A.; Pimenta, J.; Valongo, A.; Mendes, H.; Guerra, S.; Pinto, P.; Ribeiro, S. (2004) - *Primeiros resultados da intervenção arqueológica nos Armazéns Sommer, Lisboa*. Comunicação apresentada ao IV Congresso de Arqueologia Peninsular. Faro, Setembro de 2004.
- Gomes, S. M.; Ponce, M.; Filipe, V. (2017) - A Intervenção Arqueológica no âmbito do Projecto de Arquitectura “Apartamentos Pedras Negras” (Lisboa). In Caessa, A.; Nozes, C.; Cameira, I.; Silva, R., coords. - *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: uma cidade em escavação (Teatro Aberto, 26, 27 e 28 de Nov. de 2015)*. Lisboa: CAL/DPC/DMC/CML, pp. 348-365.
- Gonçalves, D.; Duarte, C.; Costa, C.; Muralha, J.; Campanacho, V.; Costa, A. M.; Angelucci, D. E. (2010) - The Roman cremation burials of Encosta de Sant'Ana (Lisbon). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico. 13, pp. 125-144.
- Gonçalves, L. J. R. (2007) - Escultura Romana em Portugal: uma arte do Quotidiano. *Stvdia Lusitana*. Merida: Museo Nacional de Arte Romano. 2.
- Gonzales Fernández, J. (1984) - Nueva Inscripción de un Diffusor Olearius en la Bética. In Blázquez Martínez, J. M.; Remesal Rodríguez, J., coords. - *Producción y comercio del aceite en la antigüedad: segundo congreso internacional (Sevilla, 24-28 febrero 1982)*. Madrid: Universidade Complutense, pp. 183-191.
- Gouveia, M. (2007) - O culto dos santos mártires de Lisboa na fronteira ocidental do reino de Leão (século X-XI). In *Lisboa Medieval. Os rostos da cidade*. Lisboa: Livros Horizonte, pp. 388-399.
- Grilo, C. (2013) - As lucernas do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros, Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direcção-Geral do Património Cultural. 16, pp. 277-292.
- Grilo, C. (2014) - As cerâmicas de inspiração de *sigillata* do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros, Lisboa. Primeira sistematização. In Morais, R.; Fernández, A.; Sousa, M. J., eds. - *As produções cerâmicas de imitação na Hispânia* (Monografías Ex Officina Hispana II). Faculdade Letras da Universidade do Porto. II, pp. 85-98.

- Grilo, C.; Santos, C. (2016-2017) - A cerâmica comum da villa romana de Povos. *Cira Arqueologia*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. V, pp. 86-115.
- Grimal, P. (2002) - *O Teatro Antigo*. Lisboa: Edições 70.
- Gros, P. (1976) - *Aurea templa: recherches sur l'architecture religieuse de Rome à l'époque d'Auguste*. Roma: École Française de Rome.
- Guerra, A. (2006) - Os mais recentes achados epigráficos do castelo de S. Jorge, Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 9: 2, pp. 271-297.
- Guerra Millán, S.; Collado Giraldo, H.; Pérez Romero, S.; Viola Nevado, M. (2014) - *Metellinum*: síntesis histórica y novedades arqueológicas de esta ciudad romana. In Nogales Basarrate, T.; Pérez del Castillo, M. J.; Aguilar Sáenz, A., eds. - *Ciudades romanas de Extremadura*. Mérida, Badajoz: Museo Nacional de Arte Romano, Departamento de Investigación, pp. 195-221.
- Gutiérrez Behemerid, M. A. (1992) - *Capiteles romanos de la Península Ibérica*. Valladolid: Universidad.
- Gutiérrez Behemerid, M. A. (2004) - Los programas arquitectónicos de época imperial en el *Conventus Clunien-sis*. In Ramallo Ascencio, S., ed. cient. - *La Decoración Arquitectónica en las Ciudades Romanas de Occidente*. Murcia: Universidade de Murcia, pp. 275-292.
- Hauschild, T. (1990) - Das römische Theater von Lissabon, Planaufnahme 1985–1988. *Madri der Mitteilungen*. Mainz. 31, pp. 338-392.
- Hauschild, T. (1994) - O teatro romano de Lisboa. In Ar-ruda, A. M., dir. - *Lisboa Subterrânea - Catálogo da Ex-posição*. Lisboa Capital Europeia da Cultura '94 / Museu Nacional de Arqueologia: Electa, pp. 64-66.
- Hauschild, T. (1996) - Évora. Um cimácio de época visigótica encontrado junto ao templo romano. In Maciel, M. J. dir. - *Miscellanea em Homenagem ao Professor Bairrão Oleiro*. Lisboa: Colibri, pp. 271-274.
- Hayes, J. (1967) - North Syrian Mortaria. *Hesperia*. Vigo: Universidade de Vigo. 36, pp. 337-347.
- Hayes, J. W. (1972) - *Late roman pottery*. London: The British School at Rome.
- Henriques, R.; Valongo, A. (2017a) - *Relatório dos Trabalhos Arqueológicos da Rua do Arsenal N.º 116/ 132, Lisboa*.
- Henriques, R.; Valongo, A. (2017b) - Pintura mural na Travessa do Ferragial, Lisboa. In Arnaud, J. M.; Martins, A., eds. - *Arqueologia em Portugal / 2017 - Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1255-1258.
- Heras Mora, F. J. (2015) - Un nuevo documento arqueológico sobre el origen del Cristianismo emeritense. La *domus* de la Puerta de la villa de Mérida. *Mérida, excavaciones arqueológicas*. Mérida: Consorcio Monumental de Mérida. 11, pp. 507-533.
- Heras Mora, F. J.; Macarena Bustamante, A. (2007) - Contribución al estudio de las ánforas tardorrepublicanas del enclave militar de “El Santo” de Valdetorres (Bada-joz, España). *Vipasca. Arqueologia e História*. Aljustrel: Câmara Municipal de Aljustrel. Série. II, pp. 318-324.
- Herculano, A. (1848) - *O monge de Cister*. Lisboa: Bertrand e Filhos.
- Hidalgo Prieto, R. (1991) - Mosaicos com decoracion geometrica y vegetal de la villa romana de El Ruedo (Almedinilla, Cordoba). *Anales de Arqueologia Cordobesa*. Córdoba: Universidad de Córdoba. 2, pp. 325-362.
- Humphrey, J. (1986) - *Roman Circuses. Arenas for Chariot Racing*. Somerset: University of California Press.
- Hyland, A. (1990) - *Equus. The Horse in the Roman World*. B.T. Batsford Lta, Londres.
- Janeiro, H. P. (1993) - *Lisboa. Freguesia do Castelo*. Lisboa: Contexto.
- Janon, M. (1986) - Le décor architectonique de Narbonne. Les rinceaux. *Revue Archéologique de Narbonnaise*. Paris: Université Paul-Valérie. 13.
- Jorge, A. M. (2001) - *Lépiscopat de Lusitanie pendant l'Antiquité Tardive (IIIe-VIIe siècles)*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- Junkelmann, M. (2000) - On the Starting Line With Ben-Hur: Chariot Racing in the Circus Maximus. *Gladiators and Caesars*. British Museum Press.
- Kähler, H. (1939) - Die Römischen Kapitelle des Rhein-gebietes. *Römisch-Germanische Forschungen*. Band 13. Berlin.
- Khader, A. (1987) - *Corpus des Mosaïques de Tunisie*. Tunis. II: 3.
- Lancha, J. (1977) - *Mosaïques Géométriques. Les Ateliers de Vienne (Isère). Leurs modèles et leur originalité dans l'Empire romain*. Roma: «L'Erma» di Breitschneider.
- Leitão, M. (2014) - Muralhas de Lisboa. *Rossio. Estudos de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal/Gabinete de Estudos Olisiponenses. 3, pp. 66-79.
- Lopes, V. (2013) - *Mértola e o seu território na antiguidade tardia (séculos IV-VIII)*. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Huelva.
- López Monteagudo, G.; Navarro Sáez, R.; Palol Salellas, P. (1998) - *Corpus de Mosaicos de España*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas. XII.
- López Rodríguez, J. R. (1985) - *Terra sigillata hispánica tardia decorada a molde de la Península Iberica*. Salamanca.
- Loyzance, M.-F. (1986) - À Propos de Marcus Cassius Sempronianus Olisiponensis, Diffusor Olearius. *Revue des Études Anciennes. Hommage à Robert Étienne*. Tome 88. N.º 1-4. Paris: Publications du Centre Pierre Paris, Diff. de Boccard. 17, pp. 273-284.
- Lugli, G. (1957) - *La tecnica edilizia romana*. Roma.
- Machado, J. L. (1970) - Documentos de Estácio da Veiga para o estudo da arqueologia do Algarve. I - Catálogo de plantas, desenhos e mosaicos. In *I Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses (Lisboa, 1969)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 335-385.
- Macias, S. (1993) - Um espaço funerário, In. Torres, C., coord. - *Museu de Mértola. Basílica Paleocristã*. Mértola.

- la: Campo Arqueológico de Mértola, pp. 31-62.
- Macias, S. (2006) - *Mértola. O último porto do Mediterrâneo*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.
- Maciel, M. J. (1993/1994) - A propósito das chamadas «conservas de água da Rua da Prata». *Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 22-23, pp. 145-156.
- Maciel, M. J. (1996) - *Antiguidade Tardia e Paleocristianismo em Portugal*. Lisboa: ed. Autor.
- Maciel, M. J. (1997) - Évora visigótica. Évora na Antiguidade Tardia. *Évora. História e imaginário*. Évora: Ataegina, pp. 27-42.
- Maciel, M. J. (2006) - *Vitrúvio - Tratado de arquitectura*. Tradução do latim, introdução e notas. Lisboa: IST Press.
- Man, A. (2005) - Sobre a cristianização de um *Forum*. *Al-Madan. Adenda Electrónica*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II Série. 13., pp. VI.1-VI.4.
- Man, A. (2006) - *Conimbriga. Do Baixo Império à Idade Média*. Lisboa: Sílabo.
- Man, A. (2008) - *Defesas urbanas tardias da Lusitânia*. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Mañas Romero, I. (2009) - Pavimentos decorativos de Itálica. Una fuente para el estudio del desarrollo urbano de la ampliación Adrianea. *Romula*. Sevilla: Universidad Pablo de Olavide. 8, pp. 179-198.
- Mañas Romero, I. (2011) - *Corpus de Mosaicos Romanos de España*, Madrid-Sevilla: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Universidad Pablo de Olavide. XIII.
- Mantas, V. G. (1990) - As Cidades marítimas da Lusitânia. *Les Villes de Lusitanie Romaine* (Coll. de la Maison des Pays Iberiques 42). Paris: CNRS, pp. 149-206.
- Mantas, V. G. (1999) - *Olisipo e o Tejo*. In *Actas das Sessões do II Colóquio Temático "Lisboa Ribeirinha" (Padrão dos Descobrimentos, 2 a 4 de julho de 1997)*. Lisboa: Divisão de Arquivos da Câmara Municipal de Lisboa, pp. 15-41.
- Mantas, V. G. (2000) - A rede viária romana e medieval da região de Torres Vedras. *Turres Veteras. Actas de História Medieval*. Torres Vedras: Câmara Municipal de Torres Vedras - Instituto Alexandre Herculano. I, pp. 11-25.
- Mantas, V. G. (2004) - *Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 43, pp. 63-83.
- Mantas, V. G. (2013) - População e mobilidade nas cidades romanas de Portugal. In *I Congresso Histórico Internacional. As cidades na História: População*. Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães, pp. 99-125.
- Mantas, V. G. (2018) - O Município de *Felicitas Iulia Olisipo* e as viagens por terra e por mar. In Senna-Martinez, J. C.; Martins, A. C.; Caessa, A.; Marques, A.; Cameira, I., eds. - *Meios, vias e trajetos... Entrar e Sair de Lisboa*. (Fragmentos de Arqueologia de Lisboa 2). Lisboa: CML/DMC/DPC/CAL; SGL/SA, pp. 37-51.
- Mar, R. (2000) - Las Termas Imperiales. In Fernández Ochoa, C.; García Entero, V., eds. - *Termas Romanas en el Occidente del Imperio (Gijón, Colóquio Internacional, 2000)*. Gijón: VPT Editorial. Série Património. 5, pp. 15-21.
- Marques, J. A.; Santos, V. (1996) - Intervenção arqueológica de emergência na Baixa de Lisboa. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II série. 5, p. 201.
- Marrero-Díaz, R.; Ramalho, E. C. (2015) - Características geoquímicas das antigas nascentes termominerais de Alfama (Lisboa, Portugal): estudo preliminar do seu potencial geotérmico e hidromineral. *Comunicações Geológicas*. Lisboa: Laboratório Nacional de Energia e Geologia IP. 102. Especial I. XX-XX, pp. 1-5. [Consult. 14 de Setembro de 2019]. Disponível em WWW: (URL: <http://www.lneg.pt/iedt/unidades/16/paginas/26/30/208>).
- Martins, M. (2000) - *Bracara Augusta: A casa romana das Carvalheiras* (Roteiros Arqueológicos 2). Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.
- Martins, M. (2005) - *As Termas romanas do Alto da Cidade: Um exemplo de arquitectura pública de Bracara Augusta* (Escavações Arqueológicas 1). Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.
- Mascarenhas, J. M.; Bilou, F.; Neves, N. S. (2012) - O aqueduto romano de Olisipo: viabilidade ou utopia? Ensaio de traçado apoiado em modelação geográfica. *Revista Portuguesa de História*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de História Económica e Social. 43, pp. 239-264.
- Mateos Cruz, P. (1995) - Arqueología de la Tardoantigüedad en Mérida: estado de la cuestión. In Velásquez Jiménez, A.; Cerrillo Martín de Cáceres, E.; Mateos Cruz, P., coords. - *Los últimos romanos en Lusitania*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano, pp. 125-152.
- Mateos Cruz, P. (2018) - *Avgvsta Emerita*, de capital de la *diocesis hispaniarvm* a sede temporal visigoda. In Sánchez Ramos, I.; Mateos Cruz, P., eds. - *Territorio, topografía y arquitectura de poder durante la Antigüedad Tardía*. Mérida: Instituto de Arqueologia de Mérida, pp. 491-520.
- Mateos Cruz, P.; Picado Pérez, Y. (2011) - El teatro romano de *Metellinum* (Taffeln 13-23). *Madriider Mitteilungen*. Heidelberg. 52, pp. 373-410.
- Mateos Cruz, P.; Pizzo A. (2018) - El teatro y el anfiteatro de *Augusta Emerita*. Aspectos Arqueológicos, Cronológicos y Urbanísticos. In Mateos Cruz, P., ed. - *La Scænæ Frons del Teatro Romano de Mérida. Anejos de Archivo Español de Arqueología*. Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida. LXXXVI, pp. 13-38.
- Mateos Cruz, P.; Rodríguez Gutierrez, O. (2018) - La Arquitectura del edificio escénico del teatro romano de Mérida. In Mateos Cruz, P., ed. - *La Scænæ Frons del Teatro Romano de Mérida. Anejos de Archivo Español de Arqueología*. Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida. LXXXVI, pp. 41-74.
- Matos, J. L. (1995) - *Inventário do Museu Nacional de Arqueologia: Coleção de Escultura Romana*. Lisboa: Ministério da Cultura.
- Mayet, F. (1975) - *La céramique a parois fines dans la Péninsule Ibérique*. Bordeaux: Centre Pierre/CNRS.
- Mayet, F.; Schmitt, A.; Silva, C. T. (1996) - *Les amphores du Sado, Portugal: prospection des fours et analyse du matériel*. Paris: Editions De Boccard.

- Melchor Gil, E. (1992-93) - La construcción pública en Hispania Romana: iniciativa imperial, municipal y privada. *Memorias de Historia Antigua*. Oviedo: Universidad de Oviedo. XIII-XIV, pp. 129-170.
- Melchor Gil, E. (1999) - Elites municipales y mecenazgo cívico en la Hispania Romana. In Rodríguez Neila, J. F.; Navarro Santana, F. J., eds. - *Elites y promoción social en la Hispania Romana*. Pamplona: Ediciones Universidad de Navarra SA – EUNSA, pp. 219-263.
- Milella, M. (2004) - La decorazione architettonica del Foro di Traiano a Roma. *La decoración arquitectónica en las ciudades romanas de occidente*. A cura di S. Ramallo Asensio. Murcia, pp. 5-71.
- Mingoia, V. (2004) - Evergetismo relativo agli edifici da spettacolo romani. una rassegna di testi epigrafici della baetica. *ROMULA*. Sevilha: Universidad Pablo de Olavide. 3, pp. 219-238.
- Moita, I. (1968) - Achados da Época Romana no Subsolo de Lisboa. *Revista Municipal*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. 116-117, pp. 33-34.
- Moita, I. (1970a) - Noticiário arqueológico e artístico. *Revista Municipal*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. 124/125, pp. 56-62.
- Moita, I. (1970b) - O teatro romano de Lisboa. *Revista Municipal*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. 124/125, pp. 7-37.
- Moita, I. (1977) - *As Termas Romanas da Rua da Prata*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- Moita, I. (1994) - O domínio romano. In Moita, I., ed. - *O livro de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte / Lisboa 94, pp. 35-68.
- Moita, I.; Leite, A. C. (1986) - Recuperar *Olisipo* a partir de Lisboa. In *I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana*. Lisboa: IPPC, pp. 55-67.
- Morais, R.; Fabião, C. (2007) - Novas produções de fabrico lusitano; problemáticas e importância económica. In Lagóstena, L.; Bernal, D.; Arévalo, A., eds. - *Actas del Congreso Internacional CETARIAE. Salsas y salazones de pescado en Occidente durante la Antigüedad* (BAR International Series 1686). Oxford, pp. 127-133.
- Morán Sánchez, C. J. (2018) - Estudios sobre la *Scænæ Frons* del teatro Romano de Mérida. In Mateos Cruz, P., ed. - *La Scænæ Frons del Teatro Romano de Mérida. Anejos de Archivo Español de Arqueología*. Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida. LXXXVI, pp. 207-242.
- Mota, N.; Carvalhinhos, M.; Miranda, P. (2018) - A «cerca velha» de Lisboa na Antiguidade Tardia e Idade Média: novas leituras a partir das fontes arqueológicas. In *Espaços e poderes na Europa urbana medieval*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, pp. 495-520.
- Mota, N.; Grilo, C.; Almeida, R.; Filipe, V. (2016-2017) - Apontamento crono-estratigráfico para a topografia histórica de *Olisipo*. A intervenção arqueológica na rua de São Mamede (Via Pública – 19), Santa Maria Maior, Lisboa. *Cira Arqueologia*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. V, pp. 149-207.
- Mota, N.; Martins, P. V. (2018) - Criptopórtico romano de Lisboa: Arqueologia e Arquitectura de uma estrutura portuária (um esboço preliminar). In Senna-Martinez, J. C.; Martins, A. C.; Caessa, A.; Marques, A.; Cameira, I., eds. - *Meios, vias e trajetos... Entrar e Sair de Lisboa* (Fragmentos de Arqueologia de Lisboa 2). Lisboa: CML/DMC/DPC/CAL; SGL/SA, pp. 78-101.
- Nicolaou, K. (1983) - Three New Mosaics at Paphos, Cyprus. In *III Colloquio Internazionale sul Mosaico Antico (Ravenna 6-10 Settembre 1980)*. Ravenna. I, pp. 219-215.
- Nogales Basarrate, T., ed. (1996) - *La pintura romana antigua: actas del Coloquio Internacional*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano de Mérida.
- Nogales Bassarate, T. (2008) - Circos romanos de *Hispania*. Novedades y perspectivas arqueológicas. In Nelis-Clément, J.; Roddaz, J.-M., eds. - *Le cirque romain et son image*. Bordeaux: Ausonius.
- Nogales Bassarate, T. (2017) - *Ludi Circenses en Hispania: Tipologías Monumentales y Testimonios Iconográficos*. In López Vilar, J., coord. - *Actes 3r Congrés Internacional d'Arqueologia i Món Antic. La glòria del circ: curses de carros i competicions circenses. In memoriam Xavier Dupré i Raventós (Tarragona, 16-19 de novembre de 2016)* (Tarraco Biennal 3). Tarragona: Fundació Privada Mútua Catalana, pp. 11-26.
- Nogales Basarrate, T.; Carvalho, A.; Almeida, M. J. (2002) - El Programa Decorativo de la Quinta das Longas (Elvas, Portugal): un Modelo excepcional de las Uillare de la Lusitania. In Romano, M. N., ed. - *Actas de la IV Reunion sobre Escultura Romana en Hispania*. Cuenca: Parque arqueológico de Segobriga, pp. 103-156.
- Nogales Basarrate, T.; Gonçalves, L.; Lapuente, P. (2019) - Materiales Lapídeos, mármoles y talleres en Lusitania. In Nogales Basarrate, T.; Beltrán Fortes, J., eds. - *Marmora Hispana: explotación y uso de los materiales pétreos en la Hispania Romana*. Roma, pp. 406-465.
- Nogales Basarrate, T.; Márquez Pérez, J. (2002) - Espacios y tipos funerarios en *Augusta Emerita*. *Espacios y Usos Funerarios en el Occidente Romano*. Córdoba: Universidad de Córdoba, pp. 113-144.
- Nogales Basarrate, T.; Merchán García, M. J. (2018) - Teatro romano de *Mettelinum*: programa escultórico - decorativo. *Escultura Romana en Hispania (Actas de la VIII Reunión Internacional de Escultura Romana en Hispania - Universidad de Córdoba y Baena 5-8 octubre de 2016)*. Córdoba: Editorial Universidad de Córdoba, pp. 527-551.
- Oliveira, A. C. (1996) - *Património Arqueológico e Arqueologia Urbana: uma realidade presente na cidade de Loures*. Património. Museu Municipal de Loures.
- Oleiro, J. M. B. (1973) - Mosaicos de Conimbriga encontrados durante as sondagens de 1899. *Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 12, pp. 1-92.
- Oleiro, J. M. B. (1986) - Mosaico romano. In Alarcão, J., coord. - *História da Arte em Portugal*. Lisboa: Publicações Alfa. I, pp. 111-127.
- Oleiro, J. M. B. (1992) - *Corpus dos Mosaicos Romanos de Portugal. Conventus Scallabitanus I. Conimbriga - Casa*

- dos Repuxos*, Lisboa: Instituto Português de Museus, Museu Monográfico de Conímbriga.
- Ovadia, R.; Ovadia, A. (1987) - *Hellenistic, Roman and Early Byzantine Mosaic Pavements in Israel* (Bibliotheca Archaeologica 6). Roma: «L'Erma» di Bretschneider.
- Parreira, J.; Macedo, M. (2013) - O fundeadouro romano da Praça D. Luís I. In Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C., eds. - *Arqueologia em Portugal. 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 747-754.
- Peacock, D. P. S.; Williams, D. F. (1986) - *Amphoræ and the Roman Economy. An Introductory Guide*. London: Longman Publications.
- Pedroso, R. (2005) - Pintura Mural Luso-Romana. O Arqueólogo Português. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia. Série 4. 23, pp. 321-366.
- Pensabene, P. (1973) - *Scavi di Ostia, VII; i capitelli*. Roma: Istituto Poligrafico dello Stato.
- Pereira, C. (2013) - Lucernas romanas de Alcácer do Sal. Entre a prática e o sagrado. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II série. 17, pp. 13-28.
- Pérez Olmedo, E. (1996) - *Revestimientos de Opus Sectile en la Península Iberica* (Studia Archaeologica 84). Valladolid: Universidad de Valladolid.
- Pessoa, F. (1934) - *Mensagem*. Lisboa: Parceria António Maria Pereira.
- Pimenta, J. (2005) - *As ânforas romanas do Castelo de São Jorge (Lisboa)* (Trabalhos de Arqueologia 41). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- Pimenta, J. (2013) - A Arquitetura do Monte dos Castelinhos. In *Catálogo Exposição Monte dos Castelinhos (Castanheira do Ribatejo). Vila Franca de Xira e a conquista romana no Vale do Tejo*. Lisboa, Vila Franca de Xira: Museu Nacional de Arqueologia e Museu Municipal de Vila Franca de Xira, pp. 31-42.
- Pimenta, J. (2017) - Em torno dos mais antigos modelos de ânfora de produção lusitana. Os dados do Monte dos Castelinhos (Vila Franca de Xira). In Fabião, C.; Raposo, J.; Guerra, A.; Silva, F., eds. - *Olaria Romana. Seminário Internacional e Ateliê de Arqueologia Experimental / Roman Pottery Works: international seminar and experimental archaeological workshop*. Lisboa, pp. 195-205.
- Pimenta, J.; Calado, M.; Leitão, M. (2005) - Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa: as ânforas da sondagem n.º 2 da Rua de São João da Praça. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 8: 2, pp. 313-334.
- Pimenta, J.; Mendes, H. (2013) - *Catálogo Monte dos Castelinhos Vila Franca de Xira - Em busca de Ierabriga*. Vila Franca de Xira: Museu Municipal de Vila Franca de Xira, pp. 135-191.
- Pinheiro, H.; Santos, R.; Rebelo, P. (2017) - Contextos romanos identificados na frente ribeirinha de Lisboa. In Arnaud, J. M.; Martins, A., eds. - *Arqueologia em Portugal / 2017. Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1293-1304.
- Pizzo, A. (2010) - *Las técnicas constructivas de la arquitectura pública de Augusta Emérita. Anejos de Archivo Español de Arqueología*. Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida. 56.
- Ponte, S. (1988) - *Villa rústica de S. Pedro de Caldelas - Tomar*. Tomar: Centro de Estudos de Arte e Arqueologia.
- Prata, S. (2013) - *Acompanhamento arqueológico da Rua de S. Mamede ao Caldas, n.º 9*. Relatório final de intervenção arqueológica entregue à DGPC. Lisboa. Documento policopiado.
- Quaresma, J. C. (no prelo) - Late contexts from *Olisipo* (Lisbon, Portugal). *Ceramics and Atlantic Connections: Late Roman and Early Medieval Imported Pottery on the Atlantic Seaboard: Proceedings of an International Symposium at Newcastle University, March 2014*.
- Quaresma, J. C.; Silva, R. B.; Bettencourt, J.; Fonseca, C.; Sarrazola, A.; Carvalho, R. (2017) - As ânforas romanas da nova sede da EDP (Lisboa). In Arnaud, J. M.; Martins, A., eds. - *Arqueologia em Portugal / 2017 - Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1305-1315.
- Quinteira, C.; Encarnação, J. (2009) - Pedestal ao divino Augusto, de *Olisipo*, reencontrado. *Sylloge Epigraphica Barcinensis*. Barcelona: Universitat de Barcelona. 7, pp. 143-146.
- Ramallo Asencio, S. F. (1985) - *Mosaicos Romanos de Carthago Nova (Hispania Citerior)*. Murcia: Consejería de Cultura y Educación de la Comunidad Autónoma.
- Ramalho, E. C.; Lourenço, M. C. (2005) - As águas de Alfama - A riqueza esquecida da cidade de Lisboa. *Boletim de Minas*. Lisboa: LNEG. 40: 1. Edição Especial, pp. 6-24.
- Real, M. L. (2000) - Portugal: cultura visigoda e cultura moçárabe. *Visigodos y Omeyas. Un debate entre la Antigüedad tardía y la alta Edad Media*. Madrid: CSIC, pp. 21-75.
- Reis, M. P. (2004) - *Las termas y balnea romanos de Lusitania. Lusitania (Stvdia Lusitana 1)*, Mérida: Museo Nacional de Arte Romano.
- Reis, M. P. (2015) - *De Lusitaniæ urbium balneis: estudo sobre as termas e balneários das cidades da Lusitânia*. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Ribeiro, J. C. (1982-1983) - Estudos histórico-epigráficos em torno da figura de *L. Ivlivs Maelo Cavdicvs. Sintria*. Sintra: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas. I-II: 1, pp. 151-476.
- Ribeiro, J. C. (1994a) - Breve nota acerca do criptopórtico de *Olisipo* e da possível localização do «forum corporativo». In *Encontro de Arqueologia Urbana. Braga, 1994. Bracara Augusta*. Braga: Câmara Municipal de Braga. 45, pp. 191-200.
- Ribeiro, J. C. (1994b) - *Felicitas Ivlia Olisipo* algumas considerações em torno do catálogo Lisboa Subterrânea. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II série. 3, pp. 75-95.
- Ribeiro, J. C. (1995-2007) - *Soli æterno Ivnæ* cultos astrais em época pré-romana e romana na área de influência da serra de Sintra: ¿um caso complexo de sincretismo? In *Actas do Segundo Colóquio Internacional de Epigrafia Culto e Sociedade. Sintria*. Sintra. Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas: III-IV, pp. 595-624.

- Ribeiro, J. C. (2013) - Ptolomeu, Geogr. II 5, 6: XPHTINA ou *APHTINA? In Pimentel, M. C.; Alberto, P. F., eds. - *Vir bonus peritissimus æque. Estudos de homenagem a Arnaldo do Espírito Santo*. Lisboa, pp. 343-379.
- Ribeiro, L. C. (2015) - Contributos para uma visão global dos pavimentos de mosaico da *villa* romana de Santiago da Guarda, Ansião. In *Actas do Encontro Portugal-Galiza: Mosaicos Romanos Fragmentos de Cultura nas Proximidades do Atlântico*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, APECMA, pp. 71-91.
- Ribeiro, R.; Neto, N.; Rebelo, P. (2017) - Os pavimentos romanos dos antigos Armazéns Sommer (campanha de 2014-2015). In Fernandes, L.; Bugalhão, J.; Fernandes, P. A., coords. - *Debaixo dos Nossos Pés. Pavimentos históricos de Lisboa*. Lisboa: Museu de Lisboa, pp. 106-111.
- Ribeiro, R.; Neto, N.; Rebelo, P.; Rocha, M. (2017a) - Dados preliminares de uma intervenção arqueológica nos antigos Armazéns Sommer, Lisboa (2014-2015). In Caessa, A.; Nozes, C.; Cameira, I.; Silva, R., coords. - *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: uma cidade em escavação (Teatro Aberto, 26, 27 e 28 de Nov. de 2015)*. Lisboa: CAL/DPC/DMC/CML, pp. 223-245.
- Ribeiro, R.; Vieira, V.; Rebelo, P.; Neto, N. (2017b) - A Roman Mosaic Unearthed in Armazéns Sommer (Lisbon). *Archaeology and Iconography. Journal of Mosaic Research*. Istanbul: Ege Yayınları. 10, pp. 335-346.
- Rigour, J. (1968) - Les Sigillées Paléochrétiennes grises et orangées. *Gallia*. Paris. XXVI: 1, pp. 177-244.
- Rigour, Y.; Rigour, J.; Rivet, L.; Proust, J. (1985) - Les Dérivées des Sigillées Paléochrétiennes. Exportations et influences entre le groupe provençal et le groupe languedocien. *Documents d'Archéologie Méridionale*. 8, pp. 87-99.
- Rivet, L. (2001) - Les sigillées tardives issues des feuilles 1946-1970 de Saint-Blaise (Bouches-du-Rhône). Quantification et mise en évidence des décors. In *SFECAG, Actes du congress de Lille-Bavay*, pp. 489-515.
- Rocha, A. (2016) - "Almofariz". *Peça do mês*. Museu do Dinheiro Largo de S. Julião. Lisboa: Banco de Portugal.
- Rocha, A.; Represas, J.; Miguez, J.; Inocêncio, J. R. (2013) - Edifício Sede do Banco de Portugal em Lisboa. Um primeiro balanço dos trabalhos arqueológicos. In Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C., eds. - *Arqueologia em Portugal. 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1011-1018.
- Rodríguez Almeida, E. (1987-1988) - *Diffusores, negotiatores, mercatores olearii*. *Bullettino della Commissione Archeologica Comunale di Roma*. Roma: L'Erma di Bretschneider. 92, pp. 299-306.
- Rodríguez de Oliva, P.; Serrano Ramos, E. (1988) - Tres Nuevas Inscripciones de Singilia Barba (El Castillón, Antequera, Málaga). *Baetica. Estudios de Historia Moderna y Contemporánea*. Málaga: Universidad de Málaga. 11, pp. 237-56.
- Ronczewsky, K. (1923) - *Variantes Libres de chapiteaux romains (Acta Universitatis Latviensis VIII)*. Roma.
- Röring, N. (2010) - Nuevo estudio arquitectónico de la fachada escénica del teatro romano de *Augusta Emerita*. In Ramallo Asensio, S.; Röring, N., eds. - *La scænæ frons en la arquitectura teatral romana: actas del Symposium Internacional celebrado en Cartagena los días 12 al 14 de marzo de 2009 en el Museo del Teatro Romano*. Murcia: Universidad; Fundación Teatro Romano de Cartagena, pp. 163-172.
- Rosenweig, R. (2004) - *Worshipping Aphrodite: art and cult in classical Athens*. Michigan: University of Michigan Press.
- Sabrosa, A.; Henriques, F.; Carvalho, E.; Germano, A. (2012) - Os fornos romanos da Quinta da Granja (Cachoeiras, Vila Franca de Xira) e Quinta de Santo António (Carregado, Alenquer). *Cira Arqueologia Online. Actas da Mesa Redonda de Olisipo a Ierabriga (Vila Franca de Xira, 31 de Outubro 2008)*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. I, pp. 148-157.
- Salomé, R.; Calado, M. (2012) - Um pequeno conjunto cerâmico de Época Medieval da Rua de São Mamede (Lisboa). *Al-Madan online*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II série. 17, pp. 23-30.
- Salvado, S. (1994) - 2. Lisboa Evolução: período romano. In Santana, F.; Sucena, E., dirs. - *Dicionário da História de Lisboa*. Lisboa: Carlos Quintas e Associados, pp. 503-509.
- Salvado, S.; Ferreira, S. V. (1984) - Alguns elementos pré-românicos reutilizados nos paramentos exteriores da Sé de Lisboa. *Revista Municipal*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. Série 2. 45: 7, pp. 3-36.
- San Nicolás Pedraz, M. P. (1994) - La iconografía de Venus en los mosaicos hispanos. In *VI Coloquio Internacional sobre Mosaico Antiguo (Palencia-Mérida, 1990)*. Valladolid: Junta de Castilla y León, Consejería de Cultura y Turismo, pp. 393-408.
- San Nicolás Pedraz, M. P. (2004-2005) - Seres mitológicos y figuras alegóricas en los mosaicos romanos de Hispania en relación con el agua. In *Espacio, Tiempo y Forma*. Madrid: UNED. Serie II. Historia Antigua. 17-18, pp. 301-333.
- Santos, A. B. (2015) - *A terra sigillata do Edifício Sede do Banco de Portugal. Dissertação de Mestrado em Arqueologia*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Santos, C. (2011) - *As cerâmicas de produção local do centro oleiro romano da Quinta do Rouxinol*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Santos, C.; Raposo, J.; Quaresma, J. C. (2015) - Análise Crono-Estratigráfica da Olaria Romana da Quinta do Rouxinol (Corroios, Seixal). In Quaresma, J. C.; Marques, J., eds. - *In Contextos Estratigráficos na Lusitania (do Alto-Império à Antiguidade Tardia)*. (AAP Monografias 1). Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 117-148.
- Santos, V.; Marques, J. (2002) - Acompanhamento das obras do metropolitano de Lisboa: Intervenção arqueológica na Avenida da Ribeira das Naus. In *3.º Encontro de Arqueologia Urbana - Actas (Almada, 20 a 23 de Fevereiro de 1997)* (Monografias Arqueologia). Almada: Câmara Municipal de Almada, pp. 165-176.
- Sauron, G. (1979) - Les modèles funéraires classiques de l'art décoratif Neo-attique au 1er siècle avant J.-C. *Mélanges de l'École Française de Rome. Antiquité*. Roma. 91, pp. 183-236.

- Sepúlveda, E.; Fernandes, L. (2012) - Um cálice em *terra sigillata* de tipo itálico encontrado na zona ribeirinha de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direcção-Geral do Património Cultural. 15, pp. 139-154.
- Sepúlveda, E.; Gomes, N.; Silva, R. B. (2003) - Intervenção arqueológica urbana na Rua dos Douradores / Rua de S. Nicolau (Lisboa). 1: a *terra sigillata*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 6: 2, pp. 401-414.
- Sepúlveda, E.; Bolila, C. (2020) - A cerâmica fina romana do teatro de *Olisipo*. *Scæna. Estudos do Teatro Romano*. Lisboa: EGEAC / Museu de Lisboa - Teatro Romano. 1, pp. 120-135.
- Sepúlveda, E.; Vale, A.; Sousa, V.; Santos, V.; Guerreiro, N. (2002) - A cronologia do circo de *Olisipo*. A *terra sigillata*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 5: 2, pp. 245-275.
- Silva, A. V. (1934) - As Termas Romanas da Rua da Prata, em Lisboa. In *Anais das Bibliotecas, Museus e Arquivo Histórico Municipais*. Lisboa. 13, pp. 19-29.
- Silva, A. V. (1939) - *Muralhas da Ribeira de Lisboa*. 2.^a ed. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. (1.^a ed. 1900; 3.^a ed. 1987).
- Silva, A. V. (1944) - *Epigrafia de Olisipo: subsídios para a história da Lisboa Romana*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- Silva, A. V. (1987) - *A Cerca Fernandina de Lisboa*. 2.^a ed. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. I.
- Silva, B. M. (2007) - *A implantação romana nas Almoínhas (Loures). Forno 3: contribuições para a compreensão da produção oleira romana*. Relatório final para a obtenção da licenciatura em História, variante Arqueologia. Documento policopiado.
- Silva, J.; Martins, M. (2015) - A Evolução e análise funcional de uma *domus* romana. A unidade habitacional da zona arqueológica das antigas Cavaliças de Braga. In Martínez Peñin, R.; Caverio Domínguez, G., eds. - *Evolución de los Espacios Urbanos y Sus Territorios en el Noroeste de la Península Ibérica*. León: Instituto de Estudios Medievales e Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, pp. 425-442.
- Silva, M. F. (2017a) - *Mutação urbana na Lisboa Medieval. Das Taifas a D. Dinis*. Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Silva, M. F. (2017b) - *Balsa, Cidade Perdida*. Tavira: Campo Arqueológico de Tavira / Câmara Municipal de Tavira.
- Silva, R.; Reis, L. C.; Caetano, M. T. (2011) - Mosaicos da *Villa* Romana de Frielas – primeira notícia. In *X Colloque Mosaïque Greco-Romaine*. Coimbra, pp. 889-902.
- Silva, R. B. (1999) - Urbanismo de *Olisipo*: a zona ribeirinha. In *Actas das Sessões do II Colóquio Temático “Lisboa Ribeirinha” (Padrão dos Descobrimentos, 2 a 4 de Julho de 1997)*. Lisboa: Divisão de Arquivos da Câmara Municipal de Lisboa, pp. 43-65.
- Silva, R. B. (2005) - *“Marcas de oleiro” em terra sigillata da Praça da Figueira (Lisboa): contribuição para o conhecimento da economia de Olisipo (século I a.C. - século II d.C.)*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia (Especialização em Arqueologia Urbana). Braga: Instituto de Ciências Sociais - Universidade do Minho.
- Silva, R. B. (2011) - *Olisipo*. In Remolà Vallverdu, J. A.; Acero Pérez, J., coords. - *La gestión de los residuos urbanos en Hispania: Xavier Dupré Raventós (1956-2006)*. In *Memoirien. Anejos de Archivo Español de Arqueología*. Mérida: Instituto de Arqueologia de Mérida. LX, pp. 203-212.
- Silva, R. B. (2012a) - Arqueologia Viária Romana Em Lisboa: a I.A.U. da Praça da Figueira. *Cira Arqueologia Online. Actas da Mesa Redonda de Olisipo a Ierabriga* (Vila Franca de Xira, 31 de Outubro 2008). Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. I, pp. 74-87.
- Silva, R. B. (2012b) - *As “marcas de oleiro” na terra sigillata e a circulação dos vasos na península de Lisboa*. Dissertação de Doutoramento em História, especialidade em Arqueologia. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- Silva, R. B. (2015a) - O “facies” cerâmico de *Olisipo* (Lisboa) no período Júlio Cláudio: uma primeira aproximação a partir de contextos suburbanos selecionados. In *Actas do Workshop internacional La Configuración de los facies Cerámicos Altoimperiales en el sul de la Península Ibérica: tecnología, producción, difusión y comercialización de cerámicas finas de origen bético en el Sur peninsular durante el Alto Imperio*. Granada. Universidad de Granada-Facultad de Filosofía y Letras, 28 de Noviembre de 2013.
- Silva, R. B. (2015b) - O contexto Alto-Imperial da Rua dos Remédios (Alfama - Santa Maria Maior, Lisboa): Vidros, Cerâmicas e Análise contextual. In Quaresma, J. C.; Marques, J., eds. - *Contextos Estratigráficos na Lusitania (do Alto-Imperio à Antiguidade Tardia)*. (AAP Monografias 1). Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 41-67.
- Silva, R. B. (2015c) - Acerca de um almofariz itálico com marca de oleiro de *M Cominivs Satvrninvs*, de Lisboa. *Estudos e relatórios de Arqueologia Tagana*. [s.l.; s.n.]. 4.
- Silva, R. B. (2018) - A “via Norte” de *Olisipo*: a arqueologia da Praça da Figueira (Lisboa), a caracterização dos troços vias e a dinâmica da paisagem suburbana envolvente. In Senna-Martinez, J. C.; Martins, A. C.; Caessa, A.; Marques, A.; Cameira, I., eds. - *Meios, vias e trajetos... Entrar e Sair de Lisboa* (Fragmentos de Arqueologia de Lisboa 2). Lisboa: CML/DMC/DPC/CAL; SGL/SA, pp. 73-86.
- Silva, R. B.; Man, A. (2015) - Palácio dos Condes de Penafiel: a significant late antique context from Lisbon. In Gonçalves, M. J.; Gómez-Martínez, S., eds. - *Proceedings of 10th International Congress on Medieval Pottery in the Mediterranean (Silves & Mértola, 22-27 October 2012)*. Silves: Câmara Municipal de Silves, pp. 455-460.
- Silva, R. B.; Nozes, C.; Miranda, P. (2015) - O contexto [9033] da Praça da Figueira e a circulação de produtos cerâmicos em *Olisipo*. *Estudos e relatórios de Arqueologia Tagana*. [s.l.; s.n.]. 2.
- Silva, R. B.; Valongo, A. (2016-2017) - A Urbanística do Subúrbio Ocidental de *Felicias Iulia Olisipo* (Lisboa): Um Contributo da I.A.U. da Rua do Ouro n.ºs 133-145. *Cira Arqueologia*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. V, pp. 116-148.

- Soria, V. (2014) - A cerâmica de mesa de pasta cinzenta que imita protótipos itálicos tardo republicanos/proto-imperiais, proveniente da Alcáçova de Santarém. In *Actas del II Congreso Internacional da SECAH (Braga, 3-6 de Abril de 2013)* (Monografias Ex Officina Hispana 2). Porto. II, pp. 75-84.
- Sousa, E. (2016) - A Idade do Ferro em Lisboa: Uma primeira aproximação a um faseamento cronológico e à evolução da cultura material. *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología Universidad Autónoma de Madrid (CuPAUAM)*. Madrid: Universidad Autónoma de Madrid. 42, pp. 167-185.
- Stylow, A. U.; Ventura Villanueva, Á. (2018) - Inscripciones Asociadas a la *Scaena* del Teatro. In Mateos Cruz, P., ed. - *La Scænæ Frons del Teatro Romano de Mérida. Anejos de Archivo Español de Arqueología*. Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida. LXXXVI, pp. 155-192.
- Sucena, E. (2006-2007) - O vale e o convento de Chelas. *Revista Arqueologia e História*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. 58/59, pp. 167-176.
- Teichner, F.; Oberhofer, K.; Kopf, J. (2014) - Miróbriga (Santiago do Cacém, Portugal): Nuovi dati archeologici sul modello lusitano della residenza privata in Età Romana. In Álvarez Martínez, J. M.; Nogales Basarrate, T.; Rodà de Llanza, I., eds. - *XVIII CIAC: Centro y periferia en el mundo clásico/ Centre and periphery in the ancient world*. Mérida, pp. 1121-1124.
- Thuillier, J.-P. (2011) - Vingt ans au cirque. Des «Roman circuses» au «Cirque romain». *Theatra et spectacula. Les grands monuments des jeux dans l'Antiquité*. 1-2. [Em linha]. Disponível em WWW: (URL: <https://journals.openedition.org/edl/125>).
- Tranoy, A. (1974) - *Hydace. Chronique*. Paris: Les Editions du Cerf.
- Trillmich, W. (2006) - El anfiteatro de Nerón en Roma, visto desde la andanada. In *Coloquio Internacional Amphitheatrum, del edificio a los juegos (Museo Nacional de Arte Romano, 27-28 octubre 2006)* (resumos policopiados das comunicações). Mérida.
- Vale, A. (2001) - O Circo de Olisipo. *El Circo en Hispania Romana*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano, Ministerio de Educación, Cultura y Deporte, pp. 125-137.
- Vale, A.; Fernandes, L. (1994) - Intervenção Arqueológica no Largo de Santo António da Sé. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II série. 3, p. 109.
- Vale, A.; Fernandes, L. (1997) - Intervenção arqueológica na Praça de D. Pedro IV (Rossio) em Lisboa. In *3.º Encontro de Arqueologia Urbana - Actas (Almada, 20 a 23 de Fevereiro de 1997)* (Monografias Arqueologia). Almada: Câmara Municipal de Almada, pp. 109-121.
- Vale, A.; Fernandes, L. (2002) - Intervenção arqueológica na Praça de D. Pedro IV (Rossio) em Lisboa. In Barros, L.; Henriques, F., coords. - *Actas do 3.º Encontro Nacional de Arqueologia Urbana Almada, 20-23 de Fevereiro de 1997* (Monografias Arqueologia). Almada: Museu Municipal de Almada. pp. 109-121.
- Vale, A.; Fernandes, L. (2017) - O Circo Romano de Olisipo: exemplos de revestimentos. In Fernandes, L.; Bugalhão, J.; Fernandes, P. A., coords. - *Debaixo dos Nossos Pés. Pavimentos históricos de Lisboa*. Lisboa: Museu de Lisboa, pp. 124-126.
- Valongo, A. (2014) - *Relatório preliminar dos trabalhos arqueológicos no edifício da Rua Victor Cordon n.º 29-33/ Rua do Ferragial 6-10A Lisboa*.
- Valongo, A. (2019) - *Relatório final dos trabalhos arqueológicos no edifício da Rua Victor Cordon n.º 29-33/Rua do Ferragial 6-10A Lisboa*.
- Valongo, A.; Pimenta, J. (2017) - Os achados arqueológicos. 31 - *Cordon Lisboa: um edifício com história*. Lisboa: Eon - Indústrias Criativas, pp. 74-117.
- Vaz, T. G. (2010) - *Contribuição para o estudo dos movimentos de vertente desencadeados por eventos sísmicos em Portugal Continental*. Dissertação de Mestrado em Geografia Física e Ordenamento do Território. Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa.
- Vieira, C. J. C. (1998) - *Capitéis de Ara do Municipium Olisiponense*. Dissertação Final de Mestrado em História da Arte. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- Vieira, V. N. (2012) - Os mosaicos, pinturas e elementos arquitectónicos do Beco da Cardosa em Alfama. *Portugal Romano - Revista de Arqueologia Romana*. I: 3, pp. 116-124. [Em linha].
- Vitruve (1965) - *Les dix livres d'architecture*. Paris: Ed. André Balland. Dir. Bernard Gheerbrant.
- Wolfram, M. (2011) - *Uma síntese sobre a cristianização do mundo rural no sul da Lusitânia. Arqueologia - Arquitectura - Epigrafia*. Dissertação de Doutoramento. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Lista de Autores

ALEXANDRA GASPAR

Direção-Geral do Património Cultural.
alexandralinogaspar@gmail.com

ANA GOMES

Direção-Geral do Património Cultural.
agomes711@gmail.com

ANA VALE

Direção-Geral do Património Cultural.
avale@dgpc.pt

ANTÓNIO VALONGO

antonio.valongo@gmail.com

CARLOS CABRAL LOUREIRO

Museu de Lisboa / EGEAC.
carlosloureiro@egeac.pt

CARLOS FABIÃO

Uniarq: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.
cfabiao@campus.ul.pt

CAROLINA GRILO

Museu de Lisboa | Teatro Romano / EGEAC; Uniarq;
Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.
carolinagrilo@egeac.pt

CRISTINA NOZES

Centro de Arqueologia de Lisboa /
Câmara Municipal de Lisboa.
cristina.nozes@cm-lisboa.pt

HELENA PINHEIRO

Neoépica, Lda.
neoepica@gmail.com

JACINTA BUGALHÃO

Direção-Geral do Património Cultural; Uniarq;
Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa;
CEAACP-UC: Centro de Estudos de Arqueologia, Artes
e Ciências do Património / Universidade de Coimbra.
jacintabugalhao@gmail.com

LÍDIA FERNANDES

Coordenadora do Museu de Lisboa | Teatro
Romano / EGEAC.
lidiafernandes@egeac.pt

MARIA PILAR REIS

CEAU - Centro de Estudos de Arquitetura e Urbanismo
da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.
pilar.reis@gmail.com

MARIA TERESA CAETANO

Artis - Instituto de História da Arte da Faculdade
de Letras de Universidade de Lisboa.
mtvcaetano@gmail.com

NUNO NETO

Neoépica, Lda.
neoepica@gmail.com

PAULO ALMEIDA FERNANDES

Museu de Lisboa / EGEAC; CEAACP-UC;
Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências
do Património / Universidade de Coimbra; Instituto
de Estudos Medievais / Universidade Nova de Lisboa.
paulofernandes@egeac.pt

PAULO REBELO

Neoépica, Lda.
neoepica@gmail.com

RAQUEL HENRIQUES

raquelinhahenriques@gmail.com

RAQUEL SANTOS

Neoépica, Lda.
neoepica@gmail.com

RICARDO ÁVILA RIBEIRO

Neoépica, Lda.
neoepica@gmail.com

RODRIGO BANHA DA SILVA

Centro de Arqueologia de Lisboa / Câmara Municipal
de Lisboa; Departamento de História / CHAM -
Centro de Humanidades / Faculdade de Ciências
Sociais e Humanas / Universidade Nova de Lisboa.
rodrigobanhadasilva@gmail.com

VANESSA FILIPE

Neoépica, Lda.
neoepica@gmail.com

VASCO NORONHA VIEIRA

Neoépica, Lda.
neoepica@gmail.com

VICTOR FILIPE

Uniarq: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.
victor.filipe7@gmail.com

Projeto Lisboa Romana *Felicitas Iulia Olisipo*

PELOURO DA CULTURA Catarina Vaz Pinto	Municipal da Amadora; Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos; Câmara Municipal de Cascais; Câmara Municipal de Loures; Câmara Municipal de Mafra; Câmara Municipal da Moita; Câmara Municipal de Oeiras; Câmara Municipal de Palmela; Câmara Municipal do Seixal; Câmara Municipal de Sesimbra; Câmara Municipal de Sintra; Câmara Municipal de Torres Vedras; Câmara Municipal de Vila Franca de Xira; Centro de Arqueologia de Almada; Direção-Geral do Património Cultural (DGPC); DGPC/ Direção Regional de Cultura do Norte; DGPC/ Museu Nacional de Arqueologia (MNA); EGEAC – Cultura em Lisboa (Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural E.M.); Empark Portugal – Empreendimentos e Exploração de Parques, S.A.; Empatia – Arqueologia Lda.; Eon – Indústrias Criativas LDA; Eurostar Museum Hotel (Lisboa); Era – Arqueologia, Conservação e Gestão de Património S.A.; Geopark/Naturtejo da Meseta Meridional; Geopark / UNESCO / Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura; Hotel Governador (Belém, Lisboa) / Nau Hotels & Resorts; Museu Arqueológico do Carmo/ Associação dos Arqueólogos Portugueses; Museu do Dinheiro/ Banco de Portugal; Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS); Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (NARC)/ Fundação Millennium BCP; Neoépica – Arqueologia	e Património Lda.; Quinta de S. Sebastião. Vinho Regional de Lisboa; The 7 Hotel (Lisboa); Veiga de Mago – Sociedade de Serviços Financeiros e Investimentos Lda.; Egas Moniz - Cooperativa de Ensino Superior/ Instituto Universitário Egas Moniz e Centro de Investigação Interdisciplinar Egas Moniz (CIIEM); Universidade de Aveiro - Unidade de Investigação em Governança, Competitividade e Políticas Públicas; Universidade de Coimbra/ Faculdade de Letras/ Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património (CEAAC); Universidade de Évora / Laboratório Hércules; Universidade de Lisboa/ Faculdade de Arquitetura/ Forma Urbis LAB; Universidade de Lisboa/ Faculdade de Ciências/ Departamento de Geologia; Universidade de Lisboa/ Faculdade de Letras/ Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ); Universidade de Lisboa/ Faculdade de Letras/ Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa (CEC); Universidade de Lisboa/ Faculdade de Letras/ Instituto de História de Arte (ARTIS); Universidade de Lisboa/ Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP); Universidade Nova de Lisboa/ Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Instituto de Estudos Medievais (IEM); Universidade Nova de Lisboa/ Faculdade de Ciências Sociais e Humanas /Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA); Universidade Nova de Lisboa/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas / Departamento de História de Arte.
DIREÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA Manuel Veiga		
DEPARTAMENTO DE PATRIMÓNIO DA CULTURA Jorge Ramos de Carvalho		
CENTRO DE ARQUEOLOGIA DE LISBOA António Marques		
COORDENAÇÃO GERAL Jorge Ramos de Carvalho		
GESTÃO DE PROJETO Inês Morais Viegas (coord.) – DPC/DMC/CML António Marques – CAL/DPC/DMC/CML Cristina Nozes – CAL/DPC/DMC/CML Manuel Oleiro – EGEAC		
PARCEIROS DO PROJETO ArqueoHoje – Arqueologia, Conservação e Gestão de Património Lda.; Câmara Municipal de Alcochete; Câmara Municipal de Alenquer; Câmara Municipal de Almada; Câmara		

Livro

TÍTULO Lisboa Romana <i>Felicitas Iulia Olisipo</i> . A capital urbana de um município de cidadãos romanos – espaço(s) de representação de cidadania	Vanessa Filipe Vasco Noronha Vieira Victor Filipe	TIRAGEM 1.500 exemplares
COORDENAÇÃO DO VOLUME Lídia Fernandes – MUSEU DE LISBOA – TEATRO ROMANO / EGEAC Paulo Almeida Fernandes – MUSEU DE LISBOA / EGEAC	REVISÃO DO VOLUME Ana Sofia Antunes – CAL/DPC/DMC/CML Cristóvão Fonseca – MUSEU DE LISBOA – TEATRO ROMANO / EGEAC Inês Viegas – DPC/DMC/CML Lídia Fernandes – MUSEU DE LISBOA – TEATRO ROMANO / EGEAC	EDIÇÃO CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA
INVESTIGAÇÃO E AUTORIA Alexandra Gaspar Ana Gomes Ana Vale António Valongo Carlos Cabral Loureiro Carlos Fabião Carolina Grilo Cristina Nozes Helena Pinheiro Jacinta Bugalhão Lídia Fernandes Maria Teresa Caetano Nuno Neto Paulo Almeida Fernandes Paulo Rebelo Pilar Reis Raquel Santos Ricardo Ávila Ribeiro Rodrigo Banha da Silva	COORDENAÇÃO DA EDIÇÃO Ana Sofia Antunes – CAL/DPC/DMC/CML Cristina Nozes – CAL/DPC/DMC/CML Inês Morais Viegas (coord.) – DPC/DMC/CML © Câmara Municipal de Lisboa, autores dos textos de cada volume e editora Caleidoscópio. DESIGN GRÁFICO José Ribeiro	CALEIDOSCÓPIO - EDIÇÃO E ARTES GRÁFICAS, SA Telef.: (+351) 21 981 79 60 Fax: (+351) 21 981 79 55 caleidoscopio@caleidoscopio.pt www.caleidoscopio.pt ENDEREÇO DE EMAIL DO PROJETO lisboaromana@cm-lisboa.pt FACEBOOK: https://www.facebook.com/lisboaromanaLX/ INSTAGRAM https://instagram.com/lisboaromana TWITTER twitter.com/LisboaRomana
	ISBN 978-989-658-663-8	
	DEPÓSITO LEGAL 463308/19	